



Heitor Cláudio Leite e Silva

A Luta de Classes na Educação



Embora militante sindical, partidário e de movimentos sociais há muito tempo, a sala de aula de uma universidade acrescenta novos conhecimentos e complementa-nos na construção de nos tornarmos um cidadão. Um sujeito mais completo, seja do ponto de vista acadêmico, seja na vivência cotidiana. Afinal, defendemos que o conhecimento não é, e nem poderia ser, finito. E aprendemos em todos os dias de nossa existência. Nesse sentido, tentaremos dar continuidade à construção de uma prática pedagógica, no segundo semestre do curso de licenciatura, como professor eventual, até os dias de hoje. Provavelmente, até o término dessa obra teremos aprendido bastante e incorporado novas práticas que surtam efeito no sentido de chegarmos ao ponto de construir cidadãos, ainda mais reflexivos e críticos, autônomos em sua natureza, coletivos em suas ações. Esperamos com isso dialogar e construir a reflexão de uma forma de ensino capaz de atender à juventude trabalhadora. Não pretendemos construir um guia, um índice ou uma metodologia única de ensinar ou de praticar a relação ensino-aprendizagem, mas sim dialogar e explicitar a nossa forma de trabalhar, que pode, ou não, ser correta, mas que vem sendo eficiente em nossa vida docente!



A Luta de Classes na Educação

A Luta de Classes na Educação

Heitor Cláudio Leite e Silva



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

Fotografia de Capa: Open battle between striking teamsters armed with pipes and the police in the streets of Minneapolis, June 1934.

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SILVA, Heitor Cláudio Leite e

A Luta de Classes na Educação [recurso eletrônico] / Heitor Cláudio Leite e Silva -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

106 p.

ISBN - 978-65-81512-84-2

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Luta de Classes; 2. Educação; 3. Sociologia; 4. Política; 5. Economia; I. Título.

CDD: 300

Índices para catálogo sistemático:

1. Sociologia 300

Dedicatória

Esta obra só foi possível graças a uma pessoa muito especial e que se trata da razão de minha vida. Portanto, dedico essa obra, com todas suas virtudes e defeitos, à minha companheira, amada, amante, uma mulher sobre quem a frase que mais se adequa à minha realidade é que por trás de um cara comum existe uma grande, magnífica, maravilhosa mulher.

Portanto, a você, Lucélia Helena, dedico não só essa obra, mas todo o amor que exista nessa vida!

Graças a ti, sou o homem que sou! Após a minha descoberta de uma mulher como nunca imaginei que pudesse existir, você me ensinou, acima de tudo, a ser feliz!

Professor Heitor

Agradecimentos

Devemos a muitas pessoas e seria impossível lembrar de todos aqueles que contribuíram com essa obra, mas, vou me ater a alguns e que estes, representem aos demais.

Maria Isabel Noronha, a Bebel, por todo o apoio que representou e me incentivou a editar esta obra. Não obstante, ao Camarada José Rocha Cunha, que posso chamar quase de um coautor e que me auxiliou a tornar o livro mais simples, e agradável em sua leitura.

Minha eterna e amada companheira, a quem devo o que me tornei hoje, um homem muito melhor.

Também, não poderia deixar de lembrar algumas mulheres que foram fundamentais na minha carreira docente e que têm muita relevância em minha vida. A Professora Claudinete, na verdade, a primeira pessoa a incentivar a retomada dos estudos, fazendo com que, aos 53 anos, tenhamos ingressado, pelo ProUni, na primeira experiência de ensino superior. Pessoa que teve papel fundamental no nosso retorno aos estudos. Nos momentos mais agudos, um ombro amigo e que escutou as angústias, os medos, compreendeu os erros e defeitos!

Também, devemos enaltecer a amiga Sônia Montenegro, médica do trabalho e homeopata, que, com toda a sua rigidez moral, muito nos incentivou e ensinou. Teve papel preponderante para que tivéssemos a força necessária e o equilíbrio para concluir os estudos e, inclusive, partir para novos desafios, como estudar Pedagogia, curso de extrema valia para a compreensão do que é e como deve ser encarada a docência!

Como mestres, deveríamos citar a todos, mas, em nome de todo corpo docente da universidade, homenageamos aquele que nos ensinou a tratar com o diferente e a compreender as divergências e que nos fez um ser-humano melhor. Márcio Leopoldo, um jovem professor, que acredita na educação e que nos construiu como um educador que trabalha para os educandos. Devemos-lhe isso!

Foi de longe, o educador em que nos espelhamos e que consideramos aquele que mais nos ensinou. Não nas matérias de um curso de História,

mas, muito mais do que isso, em nos fazer compreender como educador e ter a perfeita compreensão do papel e da função social que significa ministrar aulas.

Por fim, essa obra só surgiu após longas conversas com o amigo e camarada de luta com quem dividimos, junto com outros companheiros, a responsabilidade de coordenar o Setorial Nacional de Transporte do Partido dos Trabalhadores. Evaristo Almeida teve um papel fundamental, pois, foi a partir de uma longa conversa com esse companheiro que fomos convencidos a colocar no papel essa experiência prática que utilizamos como um método pedagógico e, com isso, tratamos de incentivar outros educadores a elaborarem seus planos pedagógicos a partir de uma fórmula mais libertária, podemos dizer, quase anarquista, onde o papel do educando se sobrepõe ao do educador.

Na certeza que Paulo Freire tinha razão ao afirmar que não existe educador sem o educando e que a dialética entre os saberes é fundamental, aprendemos muito mais que ensinamos e estendemos essa frase não apenas para os poucos anos que tenho como educador, mas, inclusive, aos anos que trabalhei com a juventude encarcerada na extinta FEBEM-SP (Fundação do Bem Estar do Menor-SP). Reconheço que muito aprendi com aquele público interno e muito pouco ensinei. Sou grato a eles por isso! Sou grato, também, a todos meus alunos desde o dia 02.08.2010, data em que me inscrevi para atuar na docência como professor eventual na rede pública estadual e que me ajudaram a construir não apenas esse método, mas o ser-humano que tento ser hoje!

Devo a eles todo o estado de felicidade que vivo dentro das salas de aula, onde me sinto não trabalhando, mas, me divertindo com a experiência.

Agradeço, portanto, a todos os meus alunos, pois eles me fizeram um sujeito melhor e mais completo. Ensinarão-me muito mais do que aprendi!

A todos os envolvidos, e são muitos, meu MUITO OBRIGADO!

Minhas imensuráveis congratulações e meu maior muito obrigado a pessoas tão importantes nessa minha jornada.

Sumário

Prefácio.....	13
Maria Izabel Noronha	
Apresentação	15
1	18
O início da vida docente. As primeiras problematizações	
Primeira faculdade, primeiras dificuldades!	19
Qual a melhor Prática de Ensino?.....	21
Análise e Produção de Material de Apoio ao Ensino Fundamental	23
2.....	42
As primeiras práticas pedagógicas	
As Aulas.....	43
As Metodologias Empregadas na Construção dos Educadores.....	48
As Regências	55
3.....	59
Práticas Pedagógicas Desenvolvidas a Partir das Dificuldades!	
Como Resolvemos Problemas Disciplinares Com Alunos?	59
A Primeira Experiência.	59
Ensino Fundamental e Médio. Como trabalha e escolher?	62
4.....	67
A problemática da rede pública	
“O Problema da Escola é a Escola”.....	67
Trabalho de escola que resolve problemas reais de um bairro!	67
Projeto de um método pedagógico.....	70
Uma Prática Iniciada em 2016 que se tornou referência, agora em 2019!	70
Relatório dos alunos sobre a educação pública.....	72
Redações em grupos, apócrifas, dos estudantes de Ensino Fundamental II.	72
Escola para que?	74
Conselhos para que? Para quem?.....	87
Relação de conflito professor x aluno.....	89
O que fazer? Colocar em Prática Projetos Pedagógicas Alternativas!	92
Levar a vida cotidiana do educando a prática pedagógica!	94
Propor o debate, a pesquisa e a pluralidade.....	95
O que estudar e como construir um artigo científico com adolescentes	96
Referências.....	101
Sobre o autor	105

Prefácio

*Maria Izabel Noronha*¹

Conheço o professor Heitor das lutas da nossa categoria, da sua participação ativa e sempre autêntica nas instâncias da APEOESP, defendendo com veemência seus pontos de vista e suas propostas.

Agora o professor Heitor nos surpreende com seu talento de escritor, para expor sua trajetória, sua experiência e suas concepções sobre a educação pública.

Agrada-me, sobretudo, que ele exponha de início, claramente, que sua dedicação à educação pública é voltada para as filhas e os filhos da classe trabalhadora. Sim, nós, professores das redes públicas de ensino, devemos ter clareza de que essa é a nossa missão. No Brasil, a educação pública de qualidade sempre foi, e é, o gargalo que nos impede de chegar a um futuro de desenvolvimento e justiça social eternamente prometido e que nunca chega.

Essa a obra do nosso professor Heitor tem, entre outros, o mérito de não compactuar com a suposta neutralidade da educação. As palavras do mestre Paulo Freire são, neste sentido, definitivas: "A qualidade de ser política, inerente à sua natureza. É impossível, na verdade, a neutralidade da educação. E é impossível, não porque professoras e professores "baderneiros e subversivos" o determinem. A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política."

E gratificante ler e sentir no livro a entrega e a dedicação do autor à sua missão de educador, seu compromisso visceral com a educação pública e, principalmente, com a juventude trabalhadora. Mais do que um processo civilizatório, para ele a educação pública de qualidade é parte de um processo revolucionária.

¹ Presidenta da APEOESP. Bebel - Deputada Estadual Pelo PT de SP.

Se entendemos revolução como um processo que vai muito além de uma alteração no sistema de poder, mas como uma transformação cultural e estrutural profunda na sociedade, então a cada momento que uma professora ou um professor entra em sala de aula nas vastas periferias deste país, imbuído de seu compromisso com a disseminação e produção do conhecimento, está dando sua contribuição para esse processo revolucionário. Porque a educação forma e transforma consciências. Ela pode dar ao nosso estudante consciência de si e do mundo, pode dar um instrumental necessário para que adquira autonomia intelectual e, neste sentido, possa contribuir para transformar a realidade que o cerca.

Então, a educação que queremos tem lado. Ela é pública, gratuita, universal, laica, de qualidade socialmente referenciada. Ou seja, ela é voltada para a inclusão e para a cidadania. Nós precisamos de uma educação pública que nos forneça, a professores e estudantes, todas as condições estruturais necessárias ao processo ensino-aprendizagem de qualidade. E precisamos de um ambiente democrático, no qual o preceito constitucional da pluralidade de ideias e concepções pedagógicas e da liberdade de ensinar e aprender estejam presentes na formulação coletiva do projeto político-pedagógico e na gestão democrática do cotidiano escolar, coordenada pelo Conselho de Escola.

A riqueza desta obra do professor Heitor também está na forma detalhada e envolvente com que expõe suas metodologias pedagógicas no ensino da História, a partir de uma concepção freiriana de educação, o relacionamento com os estudantes, as dificuldades, os percalços e todas as potencialidades, que só podem ser enxergadas por quem realmente tem na educação uma missão de vida.

Enfim, o que essa obra transmite a todos nós, educadoras e educadores, é o amor pela nossa profissão e pelos nossos estudantes, que o faz da educação um mais lindo, vigoroso e transformador processo dialógico rumo a uma sociedade melhor, mais justa, democrática e igualitária.

Parabéns, professor Heitor. Estamos juntos.

Apresentação

“Não avançaremos se tivermos medo do socialismo”

V. I. Lenin

Este trabalho objetiva abrir um amplo diálogo com a comunidade escolar e não escolar, problematizando, desde aspectos conflituosos que regem a educação, considerando os conflitos oriundos da cotidiana luta de classes que rege a construção do conhecimento e do saber, justamente, por suscitar o debate. Vamos examinar as divergências sociais e políticas por conta dos interesses antagônicos das “duas” classes sociais existentes, levando-se em conta o desenvolvimento desigual e combinado, que nos impõe o regime de propriedade privada dos modos de produção privado e do acúmulo do capital, sobretudo, pelo fato que a escola nada mais é de que um dos mecanismos autoritários de reprodução da ideologia desse modo de produção em que o aparelho de Estado serve à sua elite dominante, no caso, a burguesia. Levamos em conta, ainda, que, embora, a classe operária seja majoritária na sociedade, infelizmente, não é hegemônica no poder e mesmo que assuma, parcialmente, o governo, não detém nenhum controle sobre um Estado autoritário. Muito pelo contrário, o proletariado e sua juventude, em particular, são submetidos à ditadura de uma minoria, de uma elite econômica e cultural que dita as regras autoritárias em toda a sociedade e, conseqüentemente, nas escolas, mais particularmente na rede pública, de uma forma geral.

Toda a nossa vida docente tem como base inicial Karl Marx¹, por conta da certeza que “A história da humanidade é a história da luta de classes”. Também nos orientamos por alguns outros autores e, em particular, bebemos nas fontes de obras que procuram refletir e dialogar, ou não, através de conceitos

¹ Karl Marx: Filósofo, historiador, sociólogo e, particularmente, economista autodidata, além de jornalista e revolucionário socialista. Nascido na Prússia, mais tarde tornou-se apátrida e passou grande parte de sua vida em Londres, no Reino Unido.

marxistas e sob essa base. Em particular, com uma das maiores personalidades da área da Pedagogia, na história da humanidade, professor Paulo Freire², além de outros autores como o jornalista, pedagogo e militante trotskista peruano, José Carlos Mariátegui³, o historiador estadunidense George Novack⁴, o militante e escritor russo Leon Trotsky⁵. Além desses, conceitos de outros pedagogos e movimentos pedagógicos heterodoxos também estão inseridos nessa pequena obra, como os de nosso contemporâneo, filósofo e pedagogo, Mário Sérgio Cortella⁶, entre outros. Utilizamos várias obras e muitas das ideias desses autores, na medida em que boa parte desses autores rege nossa vida docente e militante e construíram nossos paradigmas de ação pedagógica. E, ainda, porque não acreditamos que se possa construir uma teoria sem que essa perspectiva não tenha uma ação prática efetiva. O fato é que essa obra é, acima de tudo, consequência de nossa prática cotidiana em salas de aula e não o inverso. São personalidades com quem nos deparamos cotidianamente e exemplos a seguirmos.

Não obstante, levamos um sério combate à ideia de que o ensino está universalizado e que as oportunidades são iguais, desde que o aluno tenha perseverança. Ao longo de nossa vida docente e de uma avaliação crítica baseada na prática pedagógica nas entranhas da rede pública estadual, com passagem por cursos preparatórios às universidades, desde o voluntariado no

² Pedagogo, reconhecido internacionalmente, autor da Pedagogia do Oprimido entre centenas de obras da área da educação e um dos maiores teóricos sobre pedagogia na história da humanidade.

³ José Carlos Mariátegui La Chira foi um escritor, pedagogo, jornalista, sociólogo e ativista político peruano. Autodidata, destacou-se como um dos primeiros e mais influentes pensadores do marxismo latino-americano no Século XX.

⁴ Nascido em 05.08.1905 em Boston, Massachusetts-falecido em 30.07.1992 em Nova Iorque. Político trotskista e teórico marxista estadunidense, importante liderança do SWP (Socialist Workers Party). Formou-se em Harvard em 1926, onde obteve mestrado em 1927.

⁵ Revolucionário russo, um dos artífices da Revolução Russa, em 1917 e teórico que elaborou muitas das mais importantes obras de cunho revolucionária. Chefiou o Exército Vermelho na Guerra Civil Russa. Isto, após, a tomada de poder pelo Partido Bolchevique e pela classe operária russa, em 1917.

⁶ Mário Sérgio Cortella: Filósofo, escritor, educador, palestrante e professor universitário, reconhecido por divulgar com outros intelectuais, questões sociais ligadas à filosofia na sociedade contemporânea. Foi secretário da educação da cidade de São Paulo durante o governo do PT sob a batuta de Luiza Erundina.

“Educafro”⁷, nas periferias da zona norte paulistana, até os trabalhos remunerados em cursos pré-vestibulares fica para nós absolutamente evidente que a realidade não se apresenta bem assim e que essas oportunidades são “mais iguais para uns, do que para outros”.

Aqueles que trabalham na rede pública, nas inúmeras e longínquas periferias das grandes cidades, enfrentam a infinidade de problemas e questões que colocam esses alunos em condições de extrema inferioridade e de piores e menores condições de oportunidades em relação ao aluno de bairros mais abastados e com um ensino oferecido, absolutamente, diferente e em outras condições. Evidente, há as questões paradoxais em relação a “o que fazer”, mas, ainda assim, temos que nos debruçar sobre essas problematizações e enfrentarmos as dificuldades para democratizarmos, por exemplo, o ingresso nas universidades públicas desse povo mais carente, desinformado, não alfabetizado corretamente, com déficit de conhecimento acadêmico e, de certa forma, mal preparado. Temos que formá-los para que avancemos para um mundo mais justo e solidário.

Desse modo, essa obra pretende auxiliar na superação de toda essa problemática do que enfrentamos na combatida rede de educação pública e dessa conjuntura desfavorável ao nosso trabalho. Pretendemos, ao final, demonstrar algumas propostas de soluções a serem praticadas em salas de aula com estudantes que, por mais dificuldades que tenham em construir qualquer tipo de aprendizagem, podem avançar nesse sentido.

Por outro lado, tentamos nos aprofundar nas didáticas apresentadas no curso de licenciatura de História e, depois, de Pedagogia, onde tentamos compreender todo o conhecimento produzido no ramo para utilizarmos em nosso cotidiano, inclusive, observando de forma crítica aquilo que consideramos inviável de aplicar ou, ainda, nas inúmeras críticas aos livros didáticos, sem deixar de reconhecer sua importância face ao conhecimento de conteúdo, fundamental, para que a juventude possa construir seu próprio conhecimento.

⁷ A Educafro tem a missão de promover a inclusão da população negra, em especial, e pobre em geral, nas universidades públicas e privadas com bolsas de estudo, através do serviço de seus voluntários(as) nos núcleos de pré-vestibular comunitários e setores de sua sede nacional, em forma de multirão.

O início da vida docente. As primeiras problematizações

Embora militante sindical, partidário e de movimentos sociais há muito tempo, a sala de aula de uma universidade acrescenta novos conhecimentos e complementa-nos na construção de nos tornarmos um cidadão. Um sujeito mais completo, seja do ponto de vista acadêmico, seja na vivência cotidiana. Afinal, defendemos que o conhecimento não é, e nem poderia ser, finito. E aprendemos em todos os dias de nossa existência.

Nesse sentido, tentaremos dar continuidade à construção de uma prática pedagógica, no segundo semestre do curso de licenciatura, como professor eventual, até os dias de hoje. Provavelmente, até o término dessa obra teremos aprendido bastante e incorporado novas práticas que surtam efeito no sentido de chegarmos ao ponto de construir cidadãos, ainda mais reflexivos e críticos, autônomos em sua natureza, coletivos em suas ações. Esperamos com isso dialogar e construir a reflexão de uma forma de ensino capaz de atender à juventude trabalhadora. Não pretendemos construir um guia, um índice ou uma metodologia única de ensinar ou de praticar a relação ensino-aprendizagem, mas sim dialogar e explicitar a nossa forma de trabalhar, que pode, ou não, ser correta, mas que vem sendo eficiente em nossa vida docente!

Hoje, com o debate em pauta da “escola sem partido”, torna-se mais que necessário debatermos nossa prática pedagógica para dialogarmos com a sociedade e demonstrarmos, na prática, como são nossas ações nas entranhas da sala de aula e não apenas produzirmos discursos vazios para

reafirmarmos que não somos os doutrinadores, mas que a prática doutrinária sempre foi, criticada por Paulo Freire e por nós, que reivindicamos de alguma forma, a prática freiriana, marxista ou algo que se aproxime disso. Como, inclusive, nossa prática pedagógica, abre os horizontes para que os educandos possam escolher entre o que lhes ajuizar ser bom ou ruim, certo ou errado, verdadeiro ou falso. Cabe, sim, a eles, educandos, escolher e optar, mas para tanto devem conhecer todos os pontos de vista, todos os lados e todas as teorias existentes numa sociedade plural e heterogênea.

Primeira faculdade, primeiras dificuldades!

A reflexão e análise começaram a ser elaboradas por dentro de uma vivência prática no interior das salas de aula, tanto como aluno, quanto como educador, nos anos de faculdade entre 2010 e 2012, assim como durante os anos iniciais que irão se somar aos oito anos completos de vida docente, com alguns capítulos escritos anteriormente, mas que tornam este relato um pouco mais rico e com maior conteúdo prático. Eles apresentam um desenvolvimento acadêmico, por sinal inacabado e constante, inserindo nele uma visão de mundo e, principalmente, mais maduro, do que significa “prática de ensino”, a partir do trabalho cotidiano, para além da construção e do acúmulo de novos conhecimentos que nos movem e nos constroem, modificando-nos a cada dia.

Essa evolução se apresentará evidente no conteúdo final dessa obra. Aprendemos constantemente, demonstrando a máxima contraditória, mas verdadeira, de que o docente aprende muito mais com seus educandos do que o inverso!

Nosso objetivo não é apenas questionar ou pesquisar a prática de ensino no Brasil, daqui, no mundo, mas sim tentar contribuir oferecendo alternativas e uma experiência prática que tem dado certo, construindo uma possibilidade não para o educador, mas, principalmente, para o educando. Aliás, não fossem eles, jamais chegaríamos a esta elaboração.

Afinal, eles deveriam ser o centro no interior de uma unidade escolar e o que mais importa dentro de uma sala de aula, na perspectiva da continuidade inexorável da vida humana! O Fato é que, infelizmente, não são!

Por conta dessa certeza é a eles que dirigimos nosso trabalho e oferecemos todo esse esforço de produzir uma obra que tente, de forma prática, colocá-los como o centro, não só desses estudos, mas protagonistas principais a serem atendidos e compreendidos por novas práticas de ensino.

A certeza de que a experiência em sala de aula, sob nosso ponto de vista, é gratificante a ponto de não mais se pretender viver sem o privilégio de manter relações de construção de conhecimento com uma sala repleta da juventude trabalhadora, dispostos, ou não, a construir um saber que lhes será útil para o resto de suas vidas.

Por outro lado, somos críticos em relação à forma de abordagem dos governos do Estado de São Paulo, que citamos como exemplo, mas que, certamente, é reproduzida na maioria dos estados da União, salvo raras exceções, haja vista que esses governantes, cada vez mais, destroem a qualidade de ensino, seja com suas “fórmulas mágicas” introduzidas ano a ano, que acabam mais e mais, por oprimir os professores, seja pelas formas avaliativas desses mesmos acadêmicos, meritocrática, avaliações totalmente divorciadas da realidade do “chão da sala de aula”, dos interesses da equipe docente e discente e que responsabilizam os profissionais da educação pela incompetência dos gestores em realizar um trabalho minimamente aceitável, esquecendo-se de que as condições de trabalho, a falta de cumprimento de forma real e justa da Lei Federal 11.738 de 16.07.2008¹, seja na fórmula em que se calculam as horas de trabalho em sala de aula, reuniões pedagógicas (no caso do Estado, ATPC²), sejam nas horas livres para estudar e preparar uma aula com decência. O piso salarial, poderia, se justo, permitir ao docente trabalhar menos, ganhar mais, conseguindo,

¹ Lei aprovada durante o Governo Lula, que regulamenta e sistematiza a profissão do magistério. Padroniza salários e a jornada da categoria. Fato é, no Estado de São Paulo, essa lei federal é ignorada e desrespeitada pelos governos desde que instituída.

² Aula de Trabalho Pedagógico Coletiva

assim, uma aula de excelência, além, é claro, de pagamento criteriosamente em dia. Além disso, falta uma data base, uma consistência ainda maior e mais transparente de um plano de carreira factível, que permita ao docente angariar melhores condições econômicas através de sua melhor formação e tempo de casa, a instauração da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes que protegeria tanto os alunos, como os trabalhadores de uma escola, sem falar no funcionamento dos equipamentos escolares. A juventude, hoje, num mundo digital, não tem um wi-fi para se utilizar. As grades aproximam essa escola mais de uma cadeia do que uma unidade de ensino. Essas são algumas questões fundamentais para que um professor possa dar conta de tão árdua tarefa em relação a uma conjuntura tecnológica que afasta nossos alunos da realidade vivida nas salas de aula! Não se concebe mais a existência de lousa e giz numa sala de aula!

Toda a relação humana, com certeza, é repleta de momentos de afetividade, em outros momentos, nem tanto. Mas conviver por inúmeros semestres e anos em sala de aula, construíram um cidadão diferente, mais amável compreensível e, também, mais consciente da necessidade de se construir conhecimento, com seres reflexivos e mais críticos lutando muito para alcançar algo melhor, que não poderia ser outro a não ser mudar, radicalmente, o mundo em que vivemos, que substitua o modelo do modo de produção capitalista por algo mais útil para a humanidade como um todo, mas, principalmente, mais humano e igualitário em que não haja exploradores e explorados e em que o valor do “ser” se sobreponha ao “ter” e que a virtude tenha mais valor do que o capital acumulado.

Qual a melhor Prática de Ensino?

Evidentemente, esta obra pretende ser fruto de reflexões, diferentes e temporais, com experiências vividas nesses poucos oito anos de vida docente e em sala de aula, com inúmeros e acalorados debates de como trabalhar nas salas de aula e como isso se deu na prática! Sei de colegas da

turma que são muito queridos por seus alunos e, me parece, excelentes profissionais!

Um “projeto” de um “jovem” historiador que ingressou em sua primeira faculdade aos 53 anos, que vive e atua por dois, cinco, ou, como hoje, oito anos de profissão, certamente difere muito do historiador e pedagogo que hoje escreve e se forma continuamente, em particular, num aprendizado dialético com os educandos! Não fosse assim, seria frustrante. Afinal, a construção do conhecimento nos transforma e nos faz evoluir, não é verdade?

Começamos, ainda na faculdade, esse início de namoro com a prática de ensino, fato este, que, depois, envolve-nos em nossa vida cotidiana em sala de aula, com apaixonantes debates, onde terminamos com todo o dinamismo existente na Mestra Vida Profissional, agora responsável por toda a nossa construção docente! Se, por um lado, por vezes não a compreendemos, acabamos por perceber a forma dinâmica e eficaz com que nos apresenta os textos, com que defende seus pontos de vista, mas que, principalmente, nos faz entender o quão é importante temos essa compreensão!

Pretendemos sim, “relatar” de forma impessoal e crítica, todo o nosso entendimento e compreensão do ocorrido nesse breve período. Relatar, como não, o histórico de uma vida letiva e docente conflituosa, divergente e sobre outros paradigmas. Breve, mas, tortuosa e cheia de anseios e sonhos, e até porque não dizer, frustrações e infelicidades, além de tristes desistências e desilusões. Outrossim, refletir e inserir opiniões e, evidente, uma visão de mundo, claro, sob o ponto de vista da “luta de classes”, ou seja, da teoria marxista, sob um ângulo único e individual, de como esse curso pode servir para a revolução. Sob um olhar nesse mundo injusto, preconceituoso e excludente em que vivemos e, para piorar, onde os detentores do poder e do dinheiro sequer cumprem com suas obrigações sociais. Não é verdade, meus mestres tão queridos e, como não dizer, por vezes odiados? Sinto-me e considero-me solidário a vocês!

Análise e Produção de Material de Apoio ao Ensino Fundamental ³

Inicialmente, salientamos que nem tudo que se fala e discute em uma sala de aula na universidade é exatamente aquilo que lemos nos textos introdutórios que preparam essas aulas. Uma sala de aula é viva e, portanto, é dinâmica e mutável, como tudo na vida! Não obstante, não devemos nos importunar com isso e torna-se fundamental nos orientarmos para o melhor método de separar a teoria desses importantes textos e colocá-las em prática em nosso cotidiano, mas, também, não menos importante, nos atermos e apontarmos para a importância dos debates que, por vezes, tornam-se até mais importantes e eficazes de que as lições teóricas. O conhecimento tem que tornar-se transformador e revolucionário para os educandos. Isso é fundamental, não apenas para que eles tenham interesse em aprender, como, inclusive, é o único caminho para isso. Só se aprende aquilo que se quer aprender. Não é a vontade do educador, mas o interesse do educando que o torna interessado em compreender seja lá o que se quiser ensinar e a construir conhecimento e sabedoria.

A divisão desse capítulo se dará em duas partes distintas. De início, tentaremos reproduzir trechos e criticar aulas em sala, seus possíveis problemas e questionamentos em nossos debates, deixando-se para um segundo momento, os textos propriamente ditos, sua objetividade diante do trabalho cotidiano de um docente e sua relação com os educandos e com a comunidade escolar, invariavelmente, envolvida nas relações conflituosas, ou não, de um projeto pedagógico, tanto em sua elaboração teórica, como em sua consonância com a prática, que de fato nem sempre ocorre! Com efeito, são teóricos, tentam encontrar soluções para as novas técnicas pedagógicas e discutem as formas de promover o saber historiográfico a partir desses métodos.

³ Temos a incorporação da leitura da obra de Dra. Sandra Elena Murriello, "É necessário estudar os Museus Públicos", Ciências e educação em museus no final do século XIX. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, v. 12 (suplemento), p. 13-30, 2005. Nas últimas décadas do século XIX, se não como citação específica, porém, estudamos a referida obra, como fonte, para elaborar a nossa.

Debater teorias em livros é algo fundamental, pois só assim poderemos verificar e constatar a viabilidade de se colocar essas teorias em prática! Aprendemos que a ciência é baseada em experiências que, na prática, dão resultado positivo e a fórmula tentativa e erro até que se acerte é o princípio da própria ciência!

Portanto, quando estudamos livros que têm como objeto de estudo a relação entre textos e imagens, nos defrontamos com a obra de Circe Bittencourt, “Livros Didáticos Entre Textos e Imagens”⁴, que trata da importância, ou não, da aplicabilidade, ou até mesmo da utilidade dos livros didáticos.

Se, por um lado, é desnecessário afirmar da importância, inclusive, histórica, de sua utilização na formação de estudantes, também não dá para deixar de lado seu aspecto ideológico, que sempre trabalha a serviço da estrutura governamental, na medida em que é encomendado pelo governo para atender a seu plano estratégico pedagógico, assim como, pela visão de quem o escreve. Essa dicotomia afirmada no texto nos remete à certeza de que devemos ser muito criteriosos em escolher – ou não! - esses livros. Acreditamos que os livros didáticos tenham, sim, que ser utilizados. O problema é como! Particularmente, utilizamos como material didático auxiliar. Se tivermos como objeto de estudo um assunto que esteja ligado a um livro didático, certamente, esse tema será abordado por outros. Apresentamos três ou mais textos de livros distintos e antagônicos entre si. Depois, apresentaremos as possibilidades para que o educando possa optar por qual desses textos ele considere o mais próximo daquilo que ele compreende. Aqui fica uma pergunta: se a História é contada pelos vencedores, se existem relatos absolutamente divergentes entre si, como elaborar uma prova? Qual a resposta correta numa prova de livre escolha? Só isso já elimina as provas de múltipla escolha e nos obriga a trabalhar com elaborações individuais. Caso contrário,

⁴ BITTENCOURT, C.M.F. Livros didáticos entre textos e imagens. In: Bittencourt, Circe M.F. (Org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo, Ed. Contexto, 1997, v. p. -. Conforme citação na página da Rede Nacional da Ciência Para a Educação.

perderemos a oportunidade de construir a elaboração de nossos educandos! Por outro lado, esses livros, geralmente, são fontes de reprodução da ideologia burguesa em uma sociedade de modo de produção de propriedade privada. O próprio livro o é! Propriedade intelectual, licença para utilizá-lo etc. Ou seja, a escola, também, está a serviço desse grupo social e é perfeitamente doutrinária nesse sentido! Fato é, existe uma série de pressões por parte das direções das diversas áreas de gestão do Governo para que apliquemos os tais Livros Didáticos, tal qual, o Caderno do Aluno⁵, também chamada “Apostila do Aluno”, cujo teor é questionável e refutável, não obstante, a tentativa de obrigar o docente a utilizá-lo sob a argumentação que está na grade curricular obrigatória e que, por conta disso, o educador tem a necessidade contratual, conforme o Estatuto do funcionário público em utilizá-lo. Esquecem-se, porém, esses mesmos gestores de observarem a LDB⁶ que atribui ao Educador o livre direito de cátedra e a possibilidade de encontrar, sob sua responsabilidade, os melhores meios de construir sujeitos autônomos e críticos.

Vemos neles, falhas historiográficas graves, além de, evidente, de estar preso ao currículo oficial, em particular, nos casos das escolas de rede pública. O grande problema é que para não se utilizar desses livros, torna-se necessário despende de um grande número de horas para pesquisar, escolher e produzir textos sem dizer que devemos sempre tomar o cuidado de colocar nesses textos não só, a nossa opinião, mas a opinião decorrente de correntes de opinião, para que os educandos possam, a partir dessas várias fontes e opiniões, optar por construir seus próprios juízos de valores em relação a matéria historiográfica em questão.

Podemos citar, como um bom exemplo dessa distorção histórica, a história oficial brasileira, construída à partir da necessidade de se construir uma identidade nacional e de nação e não à partir dos fatos ocorridos, com certeza, influenciam os educandos, em suas vidas cotidianas, como, por exemplo, o

⁵ Todo o conteúdo programático na Rede Pública Estadual é baseado na utilização desse material didático. O SARESP que, equivocadamente, os Professores esperam com muita ansiedade, pois, é de seu resultado que recebem o bônus anual.

⁶ Lei de Diretrizes e Base Para a Educação

fato do pseudo-descobrimento do Brasil, fato absolutamente, contestado por uma corrente de historiadores. Não só pelo fato desse país e desse continente ter uma ocupação humana, já comprovada, de mais de 50 mil anos e, isso por enquanto, e não pelos portugueses, como afirma a fantasiosa história oficial do país. Já na segunda metade do Séc. XV a coroa portuguesa tinha conhecimento da existência dessa terra e desse continente. Podemos, também, citar a falsa imagem da bandeira que, na verdade, tem as cores e os interesses das famílias Orleans e Bragança, tal qual, a bandeira imperial brasileira. Ou seja, é um amálgama a história do verde dos campos, do amarelo da riqueza do ouro, do azul de nosso céu e da pretensa, nem tão evidente assim, paz, representada pelo branco, tendo, ao fundo, a fase positivista de uma classe dominante onde a ordem é imposta aos sujeitos pobres e o progresso à elite retrógrada e atrasada desse país!

É relevante, também, que a autora define o livro didático, como “mercadoria” e que fica sujeita a “lógica do mercado” que, significa, que seu custo, seu valor final, e, pior, seu conteúdo, ficam condicionados a tudo que represente vender mais, atender aos interesses desse “mercado” tanto para o bem, como, principalmente, para o mal. Menos, ao educando!

Na verdade, ele pode servir, também, como referência e, trabalharmos com seu conteúdo de forma crítica, além, de outros materiais que intercedam a favor de outros pontos de vista que não o da editora que produziu esse material. Trabalhamos dessa forma. Com alguns textos de um determinado livro e com textos que se contrapunham a ele. Conseguimos construir uma boa reflexão crítica e obter um bom resultado junto aos educandos que começaram a perceber a diferença entre os textos do determinado livro didático e os textos que produzidos contrapondo-se a ele e, a luz das discussões em sala, perceberam perfeitamente as relevantes diferenças entre ambos.

Mas, deixemos claro, hoje, por conta dos TICs⁷ e de outros métodos onde a juventude está habituada a textos rápidos e o tempo é fator primordial para uma boa aprendizagem, livros didáticos e textos de média

⁷ Tecnologias de Comunicação e Informação – internet, pacote de edição de textos e planilhas, WhatZap, etc. ⁷ Tecnologia da Informação e Comunicação: As tecnologias na educação estão acessíveis a 24,8 milhões de estudantes das escolas públicas brasileiras. O número, que corresponde ao total de alunos atendidos pelo Programa Banda Larga

complexidade, num primeiro momento, não são bem vistos por eles e devem ser introduzidos no calor das atividades e de forma gradual.

Mais à frente, enfatizaremos esse problema. Com paciência e instruindo-os como se elaborar um texto, conseguimos chegar a textos de relativa complexidade após algum tempo de trabalho.

Considerar a realidade do educando é fator fundamental para que consigamos construir uma relação de troca de conhecimentos onde o sujeito dessa história possa compreender o contexto do que lhe é apresentado em salas de aula e em tornar essa sala, não necessariamente, uma sala, um espaço agradável e que permita que ele, o educando, queira e possa aprender e deter conhecimento sobre o conteúdo oferecido e debatido com ele!

Nesse sentido, retomando essa pequena avaliação sobre os livros didáticos que analisamos, podemos reafirmar seu conteúdo excludente, racista de uma forma geral, onde nos parece vivermos num país nórdico onde só existem os gêneros masculino e feminino, uma dicotomia inexistente, hoje e dia, e que não retrata, nem de longe, nossa sociedade, conteúdo de conciliação de classes como se isso fosse possível, haja vista que seus interesses são inegavelmente, contraditórios e antagônicos e que, ainda, não retratam essa disputa pela hegemonia da sociedade! Não obstante, o caráter quase reacionário de boa parte desses livros, ainda, sofre ataques mais retrógrados ainda, da “Escola Sem Partido”. Porém, descartá-los totalmente, também pode ser um erro. O que nos leva a necessidade de lecionar investigando e pesquisando ainda mais, já que não abordam temas de forma problematizadora e aberta como o preconceito por etnia, a vida dos ameríndios durante a formação dos estados americanos e, muito menos, anterior a isso, quando da ocupação continental por esse povo, relegando a população indígena a uma condição de coadjuvante, quando são lembrados, que não discute as revoluções bolivianas, cubana, venezuelana, as revoltas dos povos contra as ações imperialistas estadunidenses e que são elaborados com um firme objetivo de condicionar os estudantes da rede pública a um papel secundário, inexpressivo e de total

imobilidade mediante assuntos relevantes colocados por uma elite econômica e política, mas, que sequer são mencionados nesses materiais. Falta, ainda, um comprometimento do Estado, que deveria, ele sim, editar livros, contratando grandes historiadores –no nosso caso, é claro!- para que se elaborassem livros didáticos de qualidade e sem a ingerência dos interesses das grandes empresas editoras que elaboram através de seu viés ideológico e jamais permitirão futuros leitores com um senso crítico aguçado. Ou uma pessoa com um bom grau de elaboração e senso crítico não contesta a ação dos grandes grupos midiáticos hoje?

Outro aspecto a ser debatido São as ilustrações desses materiais didáticos. Por vezes, elucidativas para dar a verdadeira ideia da história do vencedor, ou mesmo, da ideologia, a partir daquilo que o autor, ou idealizador do programa curricular, quer apresentar sobre determinadas figuras ou determinadas ações. E o outro? Onde está estabelecido nessa relação de construir-se um saber a figura do ameríndio, do negro, do trabalhador? Alguns exemplos dados são interessantes, mas, o que mais nos chama a atenção é o quadro da independência onde D. Pedro aparece montado em roupas finas, limpo e num lindo cavalo o que, sabemos, não é nada parecido com a realidade presente à época. Outro fato relevante, trata-se que a maioria dessas ilustrações se encontra fora do país, em particular, na França, talvez, pela tradição daquele país em artes e em História. Aqui mesmo, só vemos reproduções e, sazonalmente, em exposições com cobrança de ingressos o que exclui boa parte de nossa população, em particular a juventude trabalhadora e os filhos dos trabalhadores. Será mera coincidência? Cremos que não!

Terminamos essa análise refletindo sobre as populações indígenas retratadas sempre como grotescas, rudes, antropófagas e em lutas desrespeitando totalmente sua cultura e seu modo de vida, ressaltando, assim, o euro centrismo incontido em todas as ilustrações, produções literárias, evidentemente, produzidas por europeus, com a visão europeia, e com julgamento sob o ponto de vista da cultura da Europa e de sua

pseudocivilizada. Aliás, postura civilizatória que parte de tiros e canhões, do embuste nas relações com povos ameríndios etc.

Outros textos tentam dialogar sobre a forma de se ensinar historiografia sob a base da pesquisa histórica de fontes de época, sejam através de simples iniciativas, mas que façam com que o educando tenha um real interesse sobre a processos históricos. Esse tipo de texto tem pertinência, quando se refere a “*simplificação e vulgarização tão comuns nas aulas de história*”⁸, pois, percebe-se, é muito mais fácil ao professor pegar um texto qualquer, reproduzi-lo, quantificar e qualificar em perguntas e respostas e mais algum outro exercício e afirmar que lecionou História. Não! Não é verdade!

Mediar um conhecimento historiográfico, não há dúvidas, é conceituar, construí-lo através de problematizações, discutir, discordar, duvidar de fontes e concluir através de suas próprias análises críticas absorvidas através das pesquisas dessas fontes que, se bem-feitas, conforme reivindica a teoria. Constrói-se uma reflexão conjunta que embasa o saber científico, histórico, e possibilita a construção de seres pensantes e críticos. O texto apresenta, ainda, várias experiências práticas onde conclui com a “tese” da temporalidade, de trabalhar o presente sem perder o olhar no passado, ou seja, dar vida ao passado, ligando-o a vida cotidiana dos educandos.

Ainda nesse texto, agora dissertando sobre as análises políticas, um tópico à parte, percebe-se a avaliação de que democracia se torna, cada vez mais, para a academia brasileira, um bem inalienável. Tenho dúvida sobre isso. Não sei se podemos afirmar que democracia representativa e é tão boa assim. Gostaríamos de viver, um pouco mais de tempo, a experiência dos Conselhos Populares no início da Revolução Russa e a democracia direta onde a população não necessitava passar um “cheque em branco”, para que seu representante fosse seu porta-voz por determinado tempo. Vão me dizer, mas é o sistema com menos distorções. Isso não me convence.

Mas, retomando o nosso objeto de estudo, deve existir uma evidente e verdadeira preocupação em podermos discutir e afirmar a “cidadania”

⁸ Margarida Maria Dias de Oliveira, Doutora pelo PPGH/UFPE, Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN - Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

aos alunos. E o que questionamos em salas de aula? Será possível construir-se uma cidadania em um sistema que vive de especulação financeira, de exploração de um homem por outro homem e onde as oportunidades não são iguais nem parecidas dependendo de gênero, etnia, classe social? Isto é possível onde um bem vale mais que uma vida? É verdadeira essa discussão de promover cidadania ou apenas um amálgama para camuflar a realidade e ideologizar essa juventude com seus fetiches?

Novamente recorreremos a Circe Bittencourt, agora, debatendo a importância, ou não, de Museus. Infelizmente as pessoas entendem museu como um depósito de coisas velhas e sob essa perspectiva aceitam um convite de visitá-los e vão e analisam todas as peças que encontramos sob essa perspectiva. O texto tenta motivar o professor a propor outra visão e entender que museu tem fontes históricas de épocas altamente elucidativas e que se percebidas sob uma ótica crítica pode ajudar-nos em formar educandos com um senso crítico aguçado.

Quando visito um museu e tenho tempo suficiente para analisar as peças, evidente torna-se uma visita mais produtiva e interessante, no entanto, e esse é o principal problema, quando levamos os alunos, não obstante as preocupações latentes com esses jovens, perceber suas aflições e curiosidades, o tempo é o maior inimigo do Saber.

Ocorre que normalmente, temos um tempo, determinadamente curto, para permanecermos no local. O “chegar” e “sair”, faz com que tenhamos que realizar essas visitas com muita rapidez, “a toque de caixa”, o que as torna ineficientes e, para os alunos, até cansativas! A abordagem externada no texto é correta, mas, o problema é que, ao menos em escolas públicas, tudo é feito de forma superficial e desorganizada.

Não obstante, quando conseguimos projetar e planejar um evento como esse, por conta da falta de estrutura do Estado e de suas escolas, todo esse trabalho acaba sendo realizado de forma improvisada e sem um bom planejamento. Acabamos perdendo a possibilidade de compreender as fontes de época, peças fundamentais oferecidas como objeto de estudos

por esse museu, para uma boa compreensão do tema em estudo, a dificuldade em se propiciar um transporte para esse locais, sem nenhum comprometimento seja da gestão das unidades escolares, pior, da secretaria de educação que prefere as provas meritocráticas para avaliar seus alunos de que criar condições para um verdadeiro saber! Tudo isso, fora outros inúmeros problemas.

Mas ainda que tenhamos todas essas enormes dificuldades, defendemos, sim, a proposta apresentada na obra e concordamos com a importância desses espaços. Uma alternativa que consideramos real seria a possibilidade de leva-los fora do horário escolar e, assim, ter um aproveitamento maior, embora, essas ações acabam excluindo um bom número deles o que é muito ruim! Portanto a melhor saída será um governo que se preocupe com o Ensino, que contribua para oferecer o Ensino Integral sem precarizar o trabalho do professor, mas, sim, ampliando suas possibilidades, com música, dança, teatro, trabalhos de cunho manual, com a natureza, hortas, etc. Ou seja, inserir a juventude no complexo mundo da arte, da produção, do bem-estar com a natureza, etc.

O texto a que me proponho debater, nesse momento, estudado, a seguir, dos autores Adriana M. Almeida⁹ e Camilo de Mello Vasconcellos¹⁰, trata da importância e de como abordar a questão dos Museus em salas de aula, cujo objetivo é orientar a um professor a forma como tratar esse assunto, principalmente, nas visitas, haja vista que, de qualquer forma, o aluno vê, e a gente discute isso exaustivamente em sala, de forma extremamente negativa uma ida a um local onde nada se pode mexer, nada se pode tocar e fica muito longe da realidade vivida por esse jovem. Ainda que realmente esse quadro, de forma geral, seja verdadeiro, não se pode

⁹ Prof.^a Dr.^a **Adriana Mortara Almeida** - Historiadora, com doutorado em Ciências da Informação pela ECA-USP. Fez Pós-doutorado em Museologia (UNICAMP). Trabalhou como educadora do MAE-USP. Realizou consultorias em diversos museus de São Paulo. Desde 2010 e diretora do Museu Histórico do Instituto Butantã. Atua no campo da educação, estudo de público e avaliação em museus e instituições culturais. É membro atual da diretoria do Comitê Brasileiro do ICOM. Fonte: Associação Brasileira de Gestão Cultural.

¹⁰ Camilo de Mello Vasconcellos, Doutor em História Social pela FFLCH-USP. Atua como docente e pesquisador na área de Museologia junto ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP em Regime de Dedicção Integral. Professor do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do MAE-USP e do Curso de Mestrado em Museologia da Universidade Nacional da Colômbia. Possui larga experiência em educação em museus. Fonte forumpermanente.org

generalizar e hoje, conforme, também, discutido em sala, alguns museus tentam mudar essa realidade e tornar sua visita, um passeio agradável e um atrativo a um jovem estudante, coisa que não é muito fácil não!

Um bom exemplo disso trata-se do Museu do Ipiranga que, após gerenciamento atribuído a FFHLCS da USP, melhorou em muito, em relação a esse quesito e, hoje, devido a suas mudanças, pode ser um passeio, com ênfase em estudo de história Imperial do Brasil, muito interessante, inclusive, aos jovens estudantes de escola pública. Pelo que pude ver, o museu afro-brasileiro, que fica no Ibirapuera, assim como, o museu que se localiza no Memorial da América Latina, também são bons atrativos e de bastante interesse aos alunos. É bem verdade que para que haja um real interesse desses jovens alunos é necessário que seus professores façam uma preparação que os instigue a pesquisa e a essas visitas. Se tal fato não ocorrer, evidentemente, nada os fará gostar de tal atividade!

Os autores citam ainda, um texto de Margaret Lopes ¹¹ sobre a contribuição dos museus que deixa-nos claro, que podemos utilizá-lo como um excelente meio de construir com os alunos, inclusive, o interesse pelas Ciências Humanas e, em particular, pela historiografia, desde que valorizados como “*mais um espaço, ainda que institucional de veiculação, produção e divulgação de conhecimento...*”. Por outro lado, não podemos deixar de analisar que em sua grande maioria os museus são locais parados, sem vida, sem monitoria que possa ajudá-los a entender o que significa aquele amontoado de coisas que nada faz, nem nada explica, conforme me disse um aluno de Ensino Médio, ou mesmo, distante de sua realidade, na medida em que, sem a devida explicação e a ligação entre o presente e o passado, transmite-lhe algo que o faça interessar-se pelos objetos ali colocados de forma abstrata e desinteressante. Nesse sentido lembro-me do museu da madeira, no interior do Horto Florestal em que visitei e nada entendi e, por outro lado, numa exposição dos irmãos Villa Boas onde monitores, filmes, slides e até a possibilidade de tocar a farinha

¹¹ Maria Margaret Lopes: Professora do Instituto de Geociências UNICAMP Cidade Universitária Zeferino Vaz – Distrito de Barão Geraldo Caixa Postal 6152 13083-970 Campinas – SP – Brasil.

feita de “mandioca brava” ou mesmo dar uma “voltinha” num barco tipicamente da região amazônica, fazia com que as crianças não só se interessassem, mas, inclusive, se extaciassem de tanto brincar com as peças do museu. Não é necessário dizer que essas crianças sempre irão entender um museu como um local divertido e interessante!

Por fim, o último texto nesse período de estudo na universidade, a ser estudado e discutido e, talvez, o mais instigante, escrito, mais uma vez, por Jaime¹² e Carla Pinsky¹³ pai e filha, diga-se de passagem, levantam a questão da utilização de outros meios de pesquisa e a dificuldade em realizar trabalhos de leitura com os alunos.

Também se levanta outra questão relevante e da qual temos discordância sobre o que trata da decepção do socialismo e como afirmam os próprios autores “avanço sem grandes obstáculos da ideologia neoliberal”. Ocorre que são detentores de modo de produção, portanto, proprietários e, nesse caso, de uma editora, o que os coloca no “outro lado” da sociedade com interesses antagônicos aos da imensa maioria dos estudantes de unidades de escolas públicas, estas, vítimas da exploração e que só detêm sua mão de obra como propriedade!

Queremos debater o mérito dessa afirmação, tanto provocando, como questionando seus paradigmas. Se essas grandes crises econômicas causadas pela diminuição sistemática da taxa de lucros das elites dominantes e que, em efeito cascata, acabam causando crises em países atrasados, ou não, por todo o mundo, questionamos onde está o fracasso

¹² Jaime Pinsky, historiador, escritor, professor universitário e editor brasileiro. Autor de mais duas dezenas de livros, sendo uma referência acadêmica, elaborando livros para professores e público em geral. É editor da Editora Contexto onde publica obras sobre o saber, divulgação científica e debates sobre cidadania. É articulista do Correio Brasiliense e já escreveu na FSP e O Estado, entre outras. É importante fonte de jornalistas, em particular, da imprensa escrita, rádio e TV. Participa na bancada de comentarista do Jornal da Cultura. Tem textos publicados em provas de vestibulares e concursos públicos. Seu site: www.maimepinsky.com.br

¹³ Carla Bassanezi Pinsky é historiadora com doutorado em Ciências Sociais (Família e Gênero) pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e mestrado em História Social pela USP (Universidade de São Paulo). Autora de *Pássaros da liberdade*, *O Brasil que os Europeus Encontraram*; *Mulheres dos Anos Dourados* e coautora de *História das mulheres no Brasil*; *Nova História das mulheres no Brasil*; *História da cidadania*; *Novos temas nas aulas de História*; *Fontes históricas*; *O historiador e suas fontes*; *Faces do Fanatismo*; *História da América Através de Textos*; *História na Sala de Aula*; *História da Cidadania*; *O Brasil no Contexto 1987-2017* (todos pela Editora Contexto), entre outros livros. Wikipédia

do socialismo? Se é verdade que o grande mercado de consumo para desovar o excedente de produção industrial se abriu com a queda do Muro de Berlim onde os países socialistas que aderiram ao sistema de modo produção capitalista, num primeiro momento, funcionaram como uma verdadeira válvula de escape para os capitalistas, chamados, também, de investidores internacionais, na verdade, especuladores, desde a Europa até a derrocada dos interesses capitalistas no Oriente Médio, conforme vemos hoje, a queda de grandes aliados, produtores de petróleo dos EUA como Sadam Hussein, Muhamar El Kadafi, o Egito, Tunísia, Grécia, Itália, Espanha e Portugal ou mesmo, o próprio conflito entre o estado sionista de Israel com o genocídio promovido contra o povo palestino, usurpando seus direitos e retirando-os de seu próprio território. Uma crise econômica sem precedentes em nosso país com um governo entreguista e incompetente!

Com uma crise como esta, os autores afirmam sem grandes obstáculos? Ficamos imaginando se esses obstáculos existissem! O que seria de nós, meros detentores de força do trabalho?

Retomando o principal objetivo do livro, propõem-se uma perspectiva, notória no meio acadêmico, com a qual temos a concordância. Porém, é fato, fundamentalistas religiosos cristãos e muçulmanos, sionistas e budistas nos dificultam, em muito, essa militância no mundo da historiografia. A própria obrigatoriedade, afirmada em lei por conta da pressão dos lobbies dos parlamentares, em particular, cristãos, do Ensino Religioso, dificulta sobremaneira essa perspectiva. A própria abordagem a.C. e d.C. (antes de Cristo e depois de Cristo) quando deveríamos utilizar o antes e depois da era comum a.e.C. e d.e.C., conforme acordo COMERCIAL entre as nações na OMC, cujo objetivo, nada mais é que atender a interesses comerciais, mas, que torna a régua cronológica menos laica e torna-se um fator de dispersão por conta dessa expressão. Um outro aspecto nos chama bastante atenção. O tema proposto tenta, de forma inócua, idealizar e apresentar o Estado e algumas organizações mundiais como a ONU, como se fossem isentas, como se essas instituições fossem imaculadas de posições políticas. Isso não é verdade! E pode causar nos educandos a falsa impressão que são confiáveis.

Essa afirmação, por parte dos autores, impede o que temos mais de caro na possibilidade de se construir uma educação crítica e reflexiva! Sempre será necessário, se nos propomos a construir um cidadão e uma sociedade crítica e reflexiva, questionar-se essas “verdades”!

Por outro lado, sabemos que, certamente, não são! Levanta, ainda, diversos temas a serem abordados, temas que podem ser, ou não, interessantes aos educandos, dependendo da forma como utilizá-los ou abordá-los e pede, corretamente, que nunca levemos o passado pelo passado ou o presente pelo presente, mas, que façamos o “link” e assim, partindo da vida cotidiana presente desse aluno, para fazê-los compreender, com métodos que o auxiliem a isso, o que esse passado tem com sua vida cotidiana.

Lendo todos esses textos divorciados das salas de aula, de nada servem, porém se o utilizarmos como um dos agentes de pesquisa para melhorarmos nosso diálogo com os alunos, aí, sim, pode-se tornar uma fonte das mais interessantes e elucidadoras. Se for verdade que eles servem de base e devem, conforme orientação de nossos Mestres, na Universidade, ser lidas antes de apresentar as aulas em sala, quando assistimos inicialmente às aulas para apenas depois lê-los, percebemos a importância de um bom educador!

Desde o início das instituições educacionais no Brasil, discute-se a organização curricular. A inauguração do IHGB¹⁴ já levantava esse questionamento. O modelo euro centrista que prevalece até hoje, a criação do Colégio Pedro II, a ascensão da burguesia com a plantação de café, com a ideia de modernização, tudo isso discutido em sala de aula, até as considerações de que nosso ensino era e, continua sendo, tecnicista de forma a formar profissionais de péssima qualidade, cujo objetivo é baratear o custo de mão de obra, deixando para um pequeno grupo da elite a possibilidade de um ensino com excelência que formará os dirigentes desse país, percebo, a discussão flui de forma que possibilita encontrarmos os problemas, porém, com difíceis soluções, embora nem todos percebamos, a construção de uma mentalidade crítica em nossos colegas.

¹⁴ Instituto Histórico Geográfico Brasileiro.

Não podemos afirmar que o objetivo de abrir essa possibilidade é real e se podemos alcançar esses objetivos, mas que, com a discussão acadêmica, feita em alto nível, possibilita, abrir o caminho para encontrarmos essas soluções, não temos dúvida!

Nas aulas que procederam, discutimos, ainda, com um alto grau de divergências e, com isso, a possibilidade, maior ainda, de crescimento, a Era Vargas e todo seu discurso de valorização da nação, a proibição de estrangeiros conversarem em suas próprias línguas pátrias, a CLT e sua herança fascista e a historiografia pautada por heróis, grandes fatos e grandes líderes (Vargas, evidente, estava entre eles!).

Não por acaso, os militares intercedem nesse processo com as posturas positivistas de Comte, vide nossa própria bandeira, entre outros itens, e sua insígnia absolutamente positivista “Ordem e Progresso”, não obstante, um estandarte nada republicano e homenageando as famílias, por suas cores, verde, amarelo, azul e branco. Após 1930 houve uma total hierarquização da elaboração das propostas pedagógicas onde quem obteve – e é assim até os dias de hoje!- o MEC, as secretarias estaduais de ensino e a própria escola, na figura do Diretor acabam tendo um papel mais relevante e tornando-se os verdadeiros protagonistas na construção desse projeto ficando o professor com um papel coadjuvante, uma autonomia muito menor e restrita, embora, ainda, possa subverter a esta ordem, ao menos àqueles que enfrentam o status-quo vigente nas unidades escolares, ao fechar a porta da sala de aula onde encontra-se e ministrar suas aulas, garantindo, assim, seu direito inalienável de livre cátedra!

Remetendo a discussão que tivemos em relação ao ensino historiográfico após 1950, num momento onde o processo de industrialização, com a internacionalização dos meios de produção em detrimento da indústria nacional, a necessidade de uma mão de obra especializada, uma grande pressão para o ensino técnico permitindo assim, uma valorização das Ciências da Natureza, desvalorizando, conseqüentemente, as Humanidades, onde, ainda, começa um movimento da Escola Nova, chamada Escola Novista, tudo isso apesar do ensino da História formar, nesse período,

professores mais questionadores e críticos eis que vem o Golpe Militar, uma ditadura sem escrúpulos que engessa ainda mais as humanidades e a possibilidade de construir uma educação problematizadora. Não podemos nos calar mediante algumas outras iniciativas interessantes como a “Escola Vocacional” e, recentemente, a iniciativa da “Educação Proibida”.

Assim, durante o período da Ditadura Militar, os militares introduzem novas matérias, cujo objetivo é ideologizar e doutrinar a juventude trabalhadora e as escolas de Ensino Fundamental, à época Ensino Ginásial, quando introduz a Educação Moral e Cívica e, logo em seguida, Organização Social e Política Brasileira (OSPB).

Há, nessa iniciativa, prioritariamente, uma imediata desvalorização do ensino de todas as matérias do campo das Humanidades, como a História, a Geografia, a Sociologia e a Filosofia que ficam relegadas a uma grande redução de carga horária de aulas, o que acarreta de imediato, diminuição de atribuição de aulas e queda na renda dos Historiadores. A propaganda de um ensino de cidadania ordeira, pacífica e patriótica, como por exemplo, referenciar e supervalorizar os símbolos nacionais, impor o Hino Nacional, nos horários alternativos, enaltecer a bandeira como um fetiche patriótico, a afirmação de domesticar a população e, em particular o povo trabalhador, com afirmações, como “o brasileiro é um povo pacífico” e “Brasil, Ame-o ou Deixe-o”, frase odiosa que contribuiu para que inúmeros brasileiros fossem torturados e mortos nos porões dessa inescrupulosa ditadura militar!

Finalmente, instaurou-se a instituição do Ensino Médio Técnico que empobrecia os cursos de saberes da área de humanidades privilegiando uma mão de obra especializada, mas, absolutamente, bestificada! Aqui ninguém está advogando contra o Ensino técnico ou tecnológico, porém, o debate se dá sobre a forma e o método com que ele seja ministrado!

Com um maniqueísmo sem par, houve uma partidarização e politização com uma crescente redução de conteúdo nos livros didáticos. Porém, importante salientar que, por outro lado, a dialética tornou-se presente, e toda essa ditadura ajudou, nas academias a formar um batalhão de professores extremamente críticos e politizados, muitos dos quais, mais tarde,

ajudaram a derrubar esse regime totalitário e os estudantes foram sujeitos fundamentais no processo de democratização do país, não se pode precisar se motivados pela falta de liberdade, simplesmente, ou imbuídos de visão política mais elaborada já que em sua grande maioria, tinham conceitos marxistas ou socialistas, salvo raras exceções.

O último texto a ser avaliado, trata da transversalidade, escrito por José Alves de Freitas Neto¹⁵, onde ele parte das dificuldades, haja vista a fragmentação dos conteúdos e da estrutura extremamente burocrática, conteudista e arcaica das escolas, em particular, na figura de seus gestores e que, em nada facilita, a nossa atuação para viajar entre as diversas disciplinas. Não obstante, encontramos uma enorme barreira com outros professores, que não veem importância na ultrapassagem de barreiras curriculares para auxiliar a juventude estudante em seu aprendizado.

Essa transversalidade pode e deve ser trabalhada de forma interdisciplinar até mesmo, para podermos levantar algumas discussões e construir alguns conhecimentos de forma mais concreta possível, fugindo assim, do abstratismo inerente a certas atividades curriculares. Como não lembrar de exemplificar esse obstáculo com um tema (Afrodescendentes No Brasil), cujo objetivo é combater o racismo e evidenciar sobre a importância do negro, não apenas na construção econômica, mas, principalmente, cultural em nosso país. Dito assim torna-se um assunto um tanto abstrato, mas quando levamos nossos educandos ao museu Afro-Brasileiro, levantamos a música e toda contribuição do negro em nossa cultura, o futebol, a língua, o sincretismo religioso e, ainda, que boa parte de nossos intelectuais são afrodescendentes, fica muito fácil fazer-se entender e isso se dá de forma transversal onde o professor de matemática trata do assunto tanto quanto o professor de Artes, de Educação Física, de Biologia, de Física e assim, por

¹⁵ Possui graduação em Filosofia (1992), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (2002). Atualmente é professor doutor da Universidade Estadual de Campinas e coordenador de graduação do curso de História desta Universidade. Tem experiência na área de História, com ênfase em História da América, atuando principalmente nos seguintes temas: América; memória; narrativas; política; moral; Las Casas; crônica religiosa XVI; Argentina; México. Orientador de trabalhos de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado.

diante. Quando tentamos implementar em nossa unidade escolar, essa experiência não foi muito agradável, devido a falta de iniciativa de outros colegas, o receio de contrariar a gestão, etc. Mas, sabemos, com a participação efetiva de todos, o resultado é de importância relevante!

O autor levanta ainda, alguns exemplos de eixos temáticos, específicos da área de História como fórmulas para trabalhar-se. Nova crítica. Infelizmente, nem todos estão realmente preparados para realizar tais tarefas, pois elas trazem trabalho e elaboração e muitas vezes esses professores com alta estima baixa, salários mais baixos ainda e a falta de um plano de carreira, o fazem desestimulados para quaisquer atividades que envolvam tanto trabalho!

Temos total concordância com o autor quando ele afirma que o ensino é algo dinâmico e necessita de adaptação a realidade do aluno, assim como, devemos - e temos obrigação!- de valorizar esse aluno, estimular sua oralidade, a produção de texto e levá-lo a ser um “ser analítico”, a termos limite, pois, é impossível estudar tudo, enfim, a todas as argumentações explícitas no livro, mas, se não pensarmos nas condições, nas remunerações e nas péssimas condições que esses professores são submetidos, nas leis que não são respeitadas, no excesso de carga horária de trabalho, não haverá nenhuma fórmula mágica capaz de resolver o ensino no país e muito menos uma formulação teórica que crie essas condições, já que esse profissional deve ser valorizado sobre seu papel na sociedade que, a bem da verdade, dos mais importantes e fundamentais, pois sem professor não existirá médicos, advogados, engenheiros, arquitetos, maestros, físicos, químicos, dentistas e nem ao menos cidadãos que se preocupem com o bem estar coletivo, pois, assim fosse, seu mundo estaria restrito a seu próprio ser!

Por fim, *“acreditamos que as discussões e os debates em sala de aulas são extremamente elucidativos e ajudam muito para compreendermos o processo histórico da relação ensino e aprendizagem na sociedade brasileira e que contribuem, sobremaneira e de forma determinante, a*

construção de um quadro do que pode vir a ser esse processo. Não há dúvidas de que numa perspectiva de um EaD¹⁶, por exemplo, toda a riqueza desses debates e da exposição de um mestre em sala da aula, faria com que perdêssemos uma ótima oportunidade de construir todo esse conhecimento agregado por conta de todos os debates e discussões dessas aulas, sem perder a consciência que, muitas vezes, o conflito constrói, por princípio, uma gama de conhecimentos”.

Quanto a prática de se exigir as regências, numa licenciatura, de forma geral, achamos interessante introduzir algumas considerações que consideramos fundamentais. Todas de muita relevância acadêmica. São tratadas, via de regra, com esmero e preparo cuidadoso. Pode-se perceber empenho nas pesquisas para realizá-la com sucesso. Existe, outrossim, um esforço em se construir uma elaboração pertinente, que resulta, em conhecimento agregado para toda a sala, haja vista que os assuntos abordados aumentam o grau de conhecimento desses futuros profissionais, com, sempre uma inusitada abordagem de temas desenvolvidos. Regências servem, inexoravelmente, como verdadeiras aulas acadêmicas e que trazem um importante acúmulo de conhecimento para que esse futuro profissional possa enfrentar o cotidiano de uma sala de aula. Fazendo valer a máxima que uma sala de aula de uma universidade é espaço para vivenciar e enaltecer o Saber!

Num primeiro momento, pode parecer que questionamentos, em aula, são fruto de uma arrogância. Ou, ainda, de quer diferenciar-se em relação ao conjunto, na verdade, já, muito heterogêneo. Outrossim, se para alguns, esses questionamentos mostram-se simpáticos a outrem, aparecem de forma, absurdamente, antipática e improcedente! A construção de uma relação de confiança entre colegas num mesmo espaço é um processo difícil e espinhoso, mas, parece que, ao fazer-lhes compreender que debate de ideias se dá pelas ideias e não, pelo confronto físico e que se pode conviver, ainda que, com posições contraditórias e antagonicas!

¹⁶ Ensino à Distância

Mas, esse debate não parou em sala de aula de uma universidade, pois, a partir de agora, teremos a Tentativa, com provável aplicação opor parte desse governo fascista que se anuncia da “Escola Sem Partido”.

Ofensiva sobre todo o nosso conhecimento e nossas posturas democráticas de levarmos a última consequência a construção de um cidadão crítico e reflexivo que esse grupo que assalta o país, pretende uma universalização de práticas utilizadas na Ditadura Militar, utilizando-se das mordanças para nos calar e tentar construir a diversidade. Não, apenas, no complexo universo do conhecimento e de suas inúmeras vertentes, mas, em todos os outros aspectos da sociedade brasileira como no gênero, na etnia, etc. Querem calar os preconceitos, o racismo e as posições políticas divergentes!

As primeiras práticas pedagógicas

Começamos pela análise e discussão de uma bibliografia proposta a qual, tenho inúmeras convergências e algumas críticas, na medida, em que relativismo não nos cabe no atual momento da história.

O texto que mais pareceu interessante, sem dúvida, é o que trata de problematização e a investigação em sala de aula. Assimilar esse aspecto é fundamental para aqueles que pretendem ser um bom mestre e conhecer muito bem esse aspecto pedagógico como práxis em nosso cotidiano.

A utilização de métodos de incitam os alunos a refletir, elaborar suas próprias “verdades” e construir seus conhecimentos a partir de suas próprias realidades fascina e sua utilização ‘é imperativa para um bom educador. Nesse sentido a leitura, embora, relativista de Circe Guimarães.

A partir dessa obra, antecedendo uma boa conversa e discutindo e planejando desde o início do ano, resolvemos partir para a prática e trabalhar os educandos com a História da própria unidade escolar onde estudam e do bairro onde estudam e, concomitante, onde moram, por tratar-se de realidades, absurdamente, diferentes. Com essa abordagem, fomos, ler e reler o texto, cujo objetivo, conseguir elaborar, de forma mais eficiente, o método a utilizar com educandos do sexto ano do Ensino Fundamental. Confessamos, questionamos se os educandos entenderam bem quais as nossas pretensões, por mais que se explicita isso. Outrossim, percebemos uma mudança de comportamento desses educandos, na medida em que outros professores começam a reclamar que essas salas estão questionando muito mais suas ações e exigindo explicações naquilo que não

estão convencidos. Não é esse mesmo o principal objetivo? Construir cidadãos críticos e reflexivos?

A diferença entre as palavras *problemas* e *problematicidade*, levantada no texto de Dermeval Saviani¹, também nos remete a posições relativistas. Mas como precisamos desenvolver essas competências e termos ciência de sua importância, apesar das inúmeras relativizações levantadas, considere-o um texto de suma importância para que alguns colegas conseguissem diferenciar uma coisa de outra. Muito acadêmico, tem um discurso um pouco difícil de compreensão, mas, se existe a pretensão de lecionar, melhor começar a entendê-lo! Tratar da filosofia da educação, nesse sentido, significa dar conteúdo e, desculpe-me a redundância, dar significado a “coisa” lecionar. Quanto a questão da pesquisa em sala de aula e, novamente, a questão do Problema e Problematização levantado por Laville & Dionne² deu-nos a sapiência, assim espero, de como abordar esses temas em salas de aula, sem, no entanto, dificultar a compreensão dos educandos sobre a forma de como tudo isso é realizado.

As Aulas

Começamos o quinto semestre com uma aula expositiva sobre a teoria e como se deve elaborar uma oficina e, particularmente o que é e como é um projeto, inclusive, levantando-se etimologia da palavra “projeto”. Observaram-se, ainda, outros aspectos para que se possa elaborar um projeto, uma oficina e, inclusive, uma aula, a partir da elaboração desse respectivo projeto. Não obstante levantei a questão dessa importância, principalmente, para quem leciona de forma eventual, haja vista que a única maneira de conseguir-

¹ Dermeval Saviani, grande educador, que vivenciou período de mudanças no país, como a transição na educação durante o processo de redemocratização que vivemos até 2018, acompanhando as transformações sociais, na história da educação brasileira e acentuando os pontos positivos e negativos que essas modificações refletiram no processo educacional cotidiano. Tem visão progressista sobre a educação. Ele é o fomentador da teoria histórico-crítica que tem como objetivo principal a construção de conhecimento significativo que contribua para a formação de indivíduos críticos e emancipados assegurando a inclusão social dos educandos.

² Neste texto, professores e universitários encontrarão as bases epistemológicas das diferentes formas de produção do conhecimento, as operações mentais e as práticas constitutivas do processo de produção de um conhecimento novo ou original e os elementos básicos de análise estatística.

se controlar uma sala é ter um bom projeto para que se conquiste a atenção e possa desenvolver um bom trabalho com esses jovens.

Também foi levantada a questão da problematização e dos questionamentos necessários para poder instruir e direcionar os alunos para que consigam, através dessa problematização, desenvolver a oficina e atender, assim, às necessidades do projeto e a sua própria apropriação desse conhecimento. Perguntas desenvolvidas para cada tipo de fonte histórica que se tornem um comando, assim chamado devido a seu propósito de direcioná-los!

Esses comandos serão levantados para que se construa um Saber de forma conjunta pelo docente e discente, mas, certamente, a partir da elaboração do aluno e não do professor! Dessa forma a trabalhar dicotomia presente/passado cujo objetivo é chamar o aluno a ligar a História –no caso a fonte histórica presente na Oficina- ao seu cotidiano e se apropriar desse conhecimento para si! Esse projeto deve ser composto, conforme fala do Mestre em, no mínimo, 20 aulas, tempo necessário para expor a ideia, problematizar, expor e, finalmente, contextualizar esse trabalho, permitindo ao aluno, perceber sua importância na elaboração de projeto e tê-lo como seu e não como uma simples aula expositiva ou um trabalho meramente direcionado e sem sentido para sua vida cotidiana.

Ainda no início do curso, debatemos em sala de aula questões concernidas a importância das fontes histórica e quais seriam os objetivos dos projetos, e sua importância no processo pedagógico. Outro detalhamento levantado dizia sobre a importância de datar as fontes para que pudéssemos, assim, facilitar a investigação dos alunos e ajudá-los em conclusões baseadas nelas! Ainda nesse contexto, não me lembro, se nessa ou em outra aula, debatemos, ainda, que ajuda bastante nesse processo investigativo, um bom número de fontes e quanto mais diversificadas melhor, a fim de possibilitar as comparações e as elaborações a partir dessas próprias comparações!

A utilização de materiais didáticos também foi debatida de forma a entendermos seu conteúdo, sua utilidade ou não, nos diversos segmentos

e fases da vida escolar e na construção do conhecimento. Como todo esse material contém, não só, algum tipo de pensamento, exclusivamente, de seu autor, pois, nisso concordamos, nada é estático, nem ao menos isento das considerações de seu autor, também, no caso dos livros didáticos, vem carregados de ideologia de Estado, por exemplo, aqui em São Paulo, absolutamente reacionários e conservadores, utilizando-se, em boa parte, de conceitos dos metódicos muito acima daquilo que seria o conveniente para uma boa construção de conhecimento autônoma, qual prega, e também compactuo, nosso Mestre Paulo Freire! Nesse sentido, sabermos utilizar desses materiais de forma a fazê-los um instrumento de reflexão e de construção do saber a partir da própria realidade de nossos alunos é uma tarefa, não muito fácil, mas não impossível, também!

Também foi levantada a questão de como elaborar um projeto que atenda ao interesse dos alunos, concordo, através da visão construtivista e, em particular, pelo que podemos observar (e com as quais observações, concordamos!) nas concepções, mais específicas, de Paulo Freire. Nesse sentido, sinto falta de um maior debate, por parte do Mestre, das posturas marxistas em detrimento das relativistas. Não obstante, saiba de suas concepções e respeito-as, pareceu-me, que ao longo do curso, por conta de nossas discussões e a forma como foram conduzidas, levou a uma visão caricata do marxismo o que considero ruim. Não apenas por ter plena convicção de que essa posição sem dúvida, tende a ser mais justa para a humanidade, mas, acima de tudo, pelas características da sala de uma pequena faculdade privada onde uma majoritária visão, absolutamente, conservadora, certamente, prevalece. Outrossim, esses debates foram importantes ao modificar e consolidar posturas mais progressistas de modo positivo com diversos interlocutores e discentes da sala. Mas, ainda assim, deixamos a desejar com o que podemos chamar de “direita fundamentalista” entre os quais tínhamos alguns expoentes, alguns, em particular que se tornaram lideranças entre militantes que defendem o movimento separatista de São Paulo do resto do país. Com essa turma não conseguimos

dialogar e permaneceram estáticos em suas posições de xenofobia, preconceituosas e separatistas, inclusive com o movimento do Sul é o Meu País”³, outros separatistas, porém, discriminados por esse movimento, o que me parece ruim, em se tratando de um curso de História, na área de Humanidades. Ou queremos construir professores com essas análises e pensamentos? Mas, uma verdade é absoluta! Conseguimos chegar a bom termo em relação a uma convivência, meramente, pacífica.

Por fim, aproveitamos para realizar um breve balanço desse curso e da sua relevância. Percebam não nos preocupamos com o fator avaliativo (notas), mas, honestamente, de em conjunto de conhecimentos para aproveitar ao máximo, dialogar e crescer enquanto um processo de ensino e aprendizagem! Uma turma que, de forma geral, cresceu muito, embora, não sei se exista uma total concordância, não conseguiu alcançar um nível acadêmico que os capacite para debater, livremente, todo e qualquer assunto. Mas, tivemos avanços inquestionáveis e inexoráveis. Alguns desses educandos chegaram e cresceram nesse processo de modo considerável.

Nessa narrativa deste tópico tem como um dos objetivos, fundamental para um processo democrático e aberto para se construir cidadãos heterogêneos e cômicos de suas posições, sejam elas quais forem. Prova-se com o teor das aulas ministradas no curso, com um viés muito claro por parte dos educadores, mas, que, certamente, permitiram que a universidade tomasse para si a tarefa de debater tudo. Da política partidária a política econômica. Exacerbaram as divergências, mas, de forma geral, mantiveram-se no campo das ideias e não houve a Chamada “doutrinação” apregoada pelos militantes da “Escola Sem Partido”, ao contrário, consolidaram posições com todos os viés políticos envolvidos numa sala de aula plural e, absolutamente heterogênea onde tínhamos de militantes da direita ultraconservadora, liberais, sociais-democratas, passando por anarquistas, socialistas e comunistas. E uma maioria silenciosa que pouco se manifestava! Não obstante, um corpo docente de

³ O Sul É o Meu País” é um movimento que estuda uma ação separatista dos estados dos RS, SC e PR do restante do país. Fundado em 1992 no município de Laguna, pelo historiador e político brasileiro Adílzio Cadorin, tem sede na cidade de Curitiba e comissões em diversos municípios do sul. Objetiva avaliar as possibilidades de emancipação política e administrativa desses estados.

igual forma! Fundamental salientar a importância do papel do corpo docente no avanço dos educandos enquanto cidadãos, na medida em que, se aprendeu a conviver com as (enormes) diferenças, não sem muita dificuldade e muitos conflitos! Numa sala de aula, que há muitos faltou durante suas existências, já que, praticamente, não frequentaram um mundo acadêmico e composto por divergências, ei, fez-me muito bem! Teve-se, certamente, em vocês, os melhores professores que, cada qual, com suas características, mas todos muito importantes na formação e aceitação “àqueles que pensam de forma diferente”!

Por fim, terminamos com as TICs. Mais uma sigla para debruçar-nos a refletir e extrair o que nos pode ser útil e criticar o que nos ofende!

Hoje, é incontestável que a utilização da internet pode e deve ser um instrumento de auxílio para que possamos construir conhecimento através das ferramentas e instrumentos de pesquisa da rede de internet.

Afinal, nos auxilia, sobremaneira, de todas e quaisquer informações sobre todos e quaisquer assuntos que necessitarmos e, ainda, nos permite a possibilidade das informações adicionais. Essa ferramenta tem sido útil em trabalhos escolares e permite-nos, por exemplo, visitarmos o Louvre, sem ao menos necessitarmos sair de casa ou de uma sala de aula! Isso é fantástico! Por exemplo, durante uma exposição no Centro Cultural Banco do Brasil sobre o Impressionismo com obras de Monet, entre outros, se podia realizar trabalhos sobre a História da Arte o que possibilita àqueles alunos sem condições econômicas de acompanhar uma exposição, podem fazê-la através da rede de internet! Um Professor pede um trabalho sobre determinado assunto e percebe a impossibilidade de alguns de seus alunos em visitar uma exposição. Pelas ferramentas de pesquisa é possível fazê-lo, se não nos permite visualizar a obra “in loco”, o que é mais proveitoso, mas, ao menos, para que possamos estudá-la em nosso local de trabalho junto a nossos educandos! Embora, é evidente, uma exposição dessas é imperdível!

Preparar aulas em casa e levarmos tudo já impresso facilita muito nosso trabalho e evita que alunos sejam obrigados a utilizar os deficitários

livros didáticos, os péssimos Cadernos do Aluno confeccionado pelo Estado e, ainda por cima, permite-nos direcionarmos os estudos para construir um conhecimento reflexivo e crítico de forma muito mais eficaz!

Mas, por outro lado, temos outros instrumentos que consideramos ruins sob o ponto de vista de construção do conhecimento. O EaD, por exemplo, tira dos alunos, aquele instrumento que mais auxilia-os na construção do Saber. A convivência, a socialização. Não há melhor ambiente para crescer de que um a sala de aula com um bom debate e posições divergentes! Um bom debate eleva o conhecimento e a busca pelo Saber científico. Nenhuma leitura isoladamente auxilia tanto como a convivência e as ideias divergentes! Isso tudo, além de, com um número ínfimo de monitores, substituir Professores por “Tutores” de qualificação duvidosa e, ainda, que possa repelir a discussão entre o Mestre e seus alunos!

Concluimos com uma análise de que ainda que considerando as TICs uma boa ferramenta, como todo tipo de cultura desenvolvida pelo homem, também pode servir para interesses inescrupulosos, como, por exemplo, centralizar no lucro dos capitalistas. É uma ferramenta que depende muito mais de quem a manipula do que, propriamente, dela em si!

Além disso, um outro grande problema em relação as TICs está no fato de diversas redes públicas de ensino não proverem os educandos com um sistema de rede de internet capaz de atender ao corpo discente. Falta desde uma rede de wi-fi que possibilite a pesquisa, de máquinas capazes de atender ao conjunto de alunos, já que são projetadas de forma a tender uma sala com vinte alunos o que não é a realidade das salas de aula, programas velhos e ultrapassados, além de um péssimo serviço de manutenção dessas máquinas!

As Metodologias Empregadas na Construção dos Educadores

Regências, seminários, assim como estudos dirigidos são, de certa forma, momentos importantes e eficazes em sala de aula para construirmos mais conhecimento e saber, graças a riqueza dos assuntos, as

intervenções de Mestres e alunos, enfim, um conjunto que corrobora com o aprendizado coletivo.

Elas oferecem a possibilidade de um estudante de qualquer licenciatura a praticar uma aula junto a seus pares, haja vista que, quando se depararem com a realidade de uma sala de aula estejam, minimamente, preparados para compreender o processo de ensino aprendizagem e possam desenvolver seu trabalho de forma satisfatória!

É evidente, uma grande maioria dos alunos estão interessados, apenas, em pegar seus diplomas, não obstante, problemas profissionais como falta de reconhecimento, salários baixos e pagos em atraso, levam Professores a perderem o foco. Com esse quadro desfavorável, e fundamental construir ao máximo, o conhecimento que for possível para que não se reproduza um ensino ruim e de má qualidade, pois, não tenhamos dúvida, esses educandos serão os professores de salas da rede pública, salvo raras exceções.

Levamos a problematização de qual a melhor forma de Estado e de governo possível. Problematizamos como seria, o que a maioria, infelizmente, desconhece, uma República dos Sovietes (Conselhos) e como seria, na prática, seu funcionamento. Pretendemos com isso, não apenas, dividir esse conhecimento, sem em nenhum momento, ter a ilusão de vencer ou demover a alguém a ideia de que é bom ou ruim, mas, simplesmente, proporcionar-lhes esse conhecimento, assim como, difundir a ideia que uma escola de qualidade, solidária e democrática, só seria possível num governo de democracia direta, com interesses coletivos em detrimento do individual e com o compromisso do conhecimento voltado ao conjunto da sociedade e não, apenas, a uma parcela dela, como é hoje!

Concluimos esse capítulo, com a tristeza que temos inúmeros colegas que lecionam na rede pública e, infelizmente, não tem a menor condição de fazê-lo! Erros crassos! Falta de acentuação gráfica, não observação de concordância nominal, verbal e adverbial, erros ortográficos sérios, erros primários nas matérias específicas, falta de pesquisa e de conhecimento dos assuntos tratados ou da grade curricular, se assim preferirem, enfim,

precisaríamos de, pelo menos, mais um outro curso de licenciatura para podermos resolver, ou, ao menos, diminuir erros tão grosseiros e comuns e deixamos, para tanto, um questionamento: Que tipo de aluno de rede pública está se formando? Será que essa situação não é uma política deliberada de aumentar, ainda mais, o fosso social existente entre ricos e pobres? Uma escola particular voltada à elite aceitaria um professor tão mal preparado assim?

Embora já saibamos essas respostas, fazemos questão de enumerá-las e deixá-la registrada para mostrar a indignação de como o Poder Público trata nossas crianças menos abastadas e, certamente, com maiores dificuldades de aprendizagem e que acabam a mercê de educadores com pouco conhecimento, inclusive do ponto de vista de uma boa didática e de prática pedagógica, e que acabarão por alimentar a desigualdade e aumentar, ainda mais, esse fosso que as coloca, cada vez mais longe de uma Universidade Pública, laica, democrática e de boa qualidade e que, cada vez mais, as elites guardam para si, criando uma “reserva de mercado”, evidente, para seus filhos, onde essas vagas são disputadas e de forma tão desigual!

Um relato, inclusive, que relata experiências e trabalhos desenvolvidos não só durante o período onde fomos estudantes seja no quarto, quinto ou sexto e último semestre do curso de História que, na verdade, é o que interessa para a conclusão de uma crítica ao curso, mas, também, durante o segundo e terceiro semestre, não obstante períodos anteriores, pois, além de lecionar como Professor eventual nesse período, desenvolvemos e construímos, também, experiência junto a alguns projetos sociais que consideramos pertinentes relatar e que gostaríamos de socializar com o conjunto da sociedade como uma iniciativa de aproveitá-la e debater uma realidade muito difícil, mas que, com algum afinho e vontade de trabalhar, podemos realizar e ajudar a juventude trabalhador da rede pública a alcançar voos maiores! Por outro lado, a experiência anterior em cursos pré-vestibulares comunitários, que atuamos de forma voluntária e gratuita, foi estimulante e deve ser relatada para ajudar a essa juventude a refletirem

sobre quais são as possibilidades do que se é possível realizar quando se tem compromisso com a educação, em particular, do povo pobre e excluído da periferia.

Nada pode ser escrito sem uma prévia avaliação da política em curso que, a nosso ver, pretende DESTRUIR quaisquer formas de alçar um jovem oriundo da escola pública a um grau de conhecimento mais efetivo e que não faça, como querem, de simples “apertador de parafusos”, para um quadro pensante e, continuaremos, com as exceções como Florestan Fernandes e Paulo Freire, entre outros poucos, mas, com o grosso dos quadros acadêmicos integrantes da burguesia e, no máximo, da pequena burguesia, continuando com esse processo de “reserva de mercado” excluindo, assim, os “excluídos por natureza”, ou seja, os mais pobres!

Não obstante, fica evidente a política excludente quando percebemos na educação pública, um segmento onde todas as experiências são realizadas nessas escolas e, depois, ano após ano, modifica-se essas experiências de acordo com a vontade dos governantes e gestores dessas redes públicas, sem no entanto, ninguém preocupar-se e como diria a ex-ministra da fazenda do presidente Fernando Collor de Mello, Zélia Cardoso de Melo: “*O povo. Que povo? Ah! Isso é um simples detalhe!*”

Esse é o pensamento dos governos liberais e comprometidos com nossa elite atrasada e retrógrada, como, por exemplo, ocorreu em São Paulo com os partidos MDB/PSDB dos últimos 26 anos e que a perpetuar-se aumentará, ainda mais, o fosso social em nosso estado!

Também, fica notória a transferência de responsabilidades que os governantes tentam passar por conta a ineficiência e falta de um projeto definido para os Professores, alunos e trabalhadores da educação. A falta da gestão democrática, de concursos públicos que completem o quadro de professores, o excessivo número de alunos por sala de aula, a falta de materiais de apoio pedagógicos que REALMENTE atendam às REAIS necessidades do corpo docente, discente e operacional, dificulta qualquer profissional da área a conseguir implementar um trabalho de qualidade.

O não cumprimento da Lei Federal 11.738 da Jornada e do Piso do Magistério, por parte desses governos é um fator de destruição do ensino público, haja vista que, se o Professor não tem o direito de 1/3 da jornada extraclasse, e, como consequência de baixos salários, obrigado a cumprir duas a três jornadas, como preparar suas aulas? Esse 1/3 extra classe deveria servir para reuniões de conotação pedagógica para prepararmos projetos transversais e que coloque toda uma unidade escolar em movimento o que, certamente, criaria outra dinâmica e auxiliaria em aumentar o interesse dessa juventude, nos daria, também, horas em que poderíamos pesquisar e preparar aulas com excelência.

Pior! Normalmente os professores acabam tendo uma carga horária excessiva que traz consigo o estresse, o cansaço e, posteriormente o afastamento por doença, normalmente ligadas, ao excesso de trabalho!

Com isso podemos perceber que o problema não está no Professor e que ele não é o responsável pela péssima qualidade de ensino da rede pública, mas, sim, no governo que além de descumprir essa lei federal, joga nas costas dos profissionais da área da educação, um fardo maior que podemos carregar! Quem gerencia o sistema tem total responsabilidade nisso!

Professores que não acreditam nos alunos, que os consideram verdadeiros “bandidos”, drogados, entre outros adjetivos pejorativos, a afirmação que “*não darão em nada*” e “*é um trabalho perdido*”, “*Que é impossível um ‘imbecil’ desses conseguirem alçar uma universidade pública e que devam, apenas, tentar um curso profissionalizante e pronto!*”! Afinal, sala de professores, nada mais é que um grande muro de lamentações e de xingamento de alunos. Isso para não falar que reclamar de baixos salários sem, ao menos, movimentar-se em assembleias para exigir melhores condições, nunca trará soluções frutíferas e resolver o problema da falta de respeito e de condições de trabalho dessa categoria tão desestimulada, desrespeitada e desprestigiada! Enquanto não houver, não só, uma condição salarial e de trabalho decente, concomitante com a preparação desses profissionais até para que tenham consciência de seu papel social numa

sociedade onde uma imensa maioria de explorados não tem direito a nada e meia dúzia de privilegiados, normalmente, sanguessugas, tenham tudo, não mudaremos em nada esse quadro triste e imutável. Só essa consciência poderá começar a formar pessoas críticas e, a partir daí ser um elemento que auxilie a transformação dessa sociedade.

Ainda no primeiro ano de militância docente, desenvolvemos, também, um trabalho que, hoje nos consomem muito tempo, mas que terminará com uma obra sobre a educação vista à partir dos olhos dos alunos e dos professores que militam dentro das salas de aula e, em particular, nossa experiência prática.

Como o corpo discente enxerga a educação?

Quais as perspectivas de um jovem adolescente que está numa escola pública, excludente por natureza, e que não quer preparar quadros elaboradores, mas, sim, mão de obra barata para atender aos interesses da burguesia branca, católica, masculina, ou seja, absolutamente voltada a poucos privilegiados em detrimento da população de baixa renda e da periferia?

Esse projeto, que não tem prazo nem objetivo definido, conta com algumas centenas de redações elaboradas pelos alunos que, em algum momento, tiveram contato com nossas intervenções em salas de aula e puderam contribuir para que, a partir dessa visão, possamos elaborar uma educação mais próxima de sua realidade e ajudá-los a construir conhecimento à partir de suas necessidades, anseios e vontades!

Não podemos deixar, também, de registrar que fizemos um trabalho nesse plebiscito e eleição, com defesas, debates e uma eleição na escola que mobilizou todo um período. Que elegeu um Presidente da República, com um programa liberal, em detrimento de outro, com projetos mais socializantes, graças a ação de alguns alunos, simplesmente, para confrontar com nossas ideias e simpatia partidária, num trabalho interessantíssimo e que, dessa brincadeira, gerou, uma grande problematização de qual o papel do Professor e o quanto isso contribuiu para a formação de um “ser”

cidadão crítico e reflexivo nesses alunos, haja vista que, inclusive, modificou a relação de respeito entre esse grupo de alunos com seus professores de maneira substancial. Esse trabalho gerou figuras interessantíssimas e que, ainda hoje, tem participação expressiva no mundo das artes, na vida acadêmica e na sociedade de uma forma geral.

Ainda sobre esse aspecto de abordagem, realizamos um grande plebiscito, orientado, coordenado e subsidiado pela CUT, CNBB, Pastoral da Terra, entre outras entidades, que queriam saber qual a opinião do povo brasileiro em relação a uma Constituinte Livre e Soberana a qual, à época éramos favoráveis e hoje, nem tanto, onde fizemos valer a opinião dessa juventude, não só ao elaborarmos em conjunto com os próprios alunos debates, esclarecimento sobre conceitos como “ocupar” e “invadir” e quais os paradigmas que estão por trás desses conceitos tão parecidos, que nos parece uma simples questão semântica, mas, que, na verdade, difere tanto quando inserimos essa linguagem em alguns contextos, a ponto de sermos abordados por jornais e revistas e termos o resultado da escola divulgado no site da CUT e de outras entidades promotoras desse plebiscito!

Outro aspecto que nos incomoda bastante, principalmente, por estar na pauta do dia as Olimpíadas. Não existe o menor zelo com essa garotada em relação ao currículo de Educação Física. “Ou se jogam esses jovens numa quadra para ficarem “batendo papo” e jogando um futebolzinho” ou, às vezes, nem isso.

Apenas manda-os para quadra, como um estorvo que está deixando o espaço da unidade escolar “em paz” por alguns minutos! Nas escolas em que trabalhamos, não percebemos, em momento algum, qualquer projeto de desenvolver o desporto de modo a universalizar o conhecimento, formar desportistas e propiciar o saber de vários esportes diferentes. Nada! Conversando com uma Professora da área, que se diz interessada em formar atletas, propus-lhe escrever um texto para que possamos colocar em um periódico sindical que mantínhamos, onde procuramos explicações, propostas e soluções do corpo docente visando, não só nossa melhoria profissional e salarial, mas do ensino de uma forma geral, como práticas de

ensino e aprendizagem, etc. Foi escrito e publicado. Realizamos sua proposta na unidade escolar e trouxe, por exemplo, um excelente atleta em tênis de mesa e outro que se especializou em ballet clássico! Será de extrema utilidade para o conjunto da comunidade docente e, quem sabe, um apoio na luta por melhores condições da nossa tão empobrecida educação pública!

As Regências

Considero que as regências, no último semestre, de certa forma, incorporam todo o conhecimento agregado pelo grupo de alunos de nossa sala, em particular, porque, em sua grande maioria, já estar lecionando e, evidente, o acúmulo incorporado ao longo do curso. Em particular, creio, agreguei uma forma menos contundente e mais problematizadora de abordar assuntos em sala de aula e, creio, isso ficou evidente nos seminários que realizamos tanto no quinto, como no sexto semestre. Não obstante, concordo que conseguir compreender um pouco melhor a turma, me levou a melhorar sensivelmente a qualidade de meus conhecimentos acumulados e uma forma de dialogar mais com posições, em particular, antagônicas.

Ainda faltam inúmeros aspectos no grupo discente para que possibilite que consigam elaborar e construir uma aula com qualidade. Não vejo conhecimento sedimentado, ainda, e muitos equívocos conceituais que, de certa forma, atrapalharam o desempenho de cada aluno, embora pudessem escolher o tema e, claro, cada um procurou àquilo que melhor se adaptasse aos seus conhecimentos.

Fizemos algumas avaliações e não poderíamos atribuir-lhes nota sem levarmos em consideração o profundo conhecimento do conceito e do paradigma do “Socialismo”. Esse equívoco nos despertou a aprofundar o interesse em estudar História e, em particular, Marx, Engels, a revolução russa, Lenin, Trotsky, Stalin, Fidel e Mao Tse Tung.

Numa sala de cursinho, quando ainda estávamos decidindo entre quais das ciências humanas iríamos militar, um professor (sic) de História fez com que debatêssemos à exaustão com ele este conceito, cuja afirmação, foi a mesma de um aluo no curso de História, ou seja, que socialismo seria “algo social” que visse os problemas sociais de uma sociedade! É verdade que se o mesmo não fosse um despachante, por profissão, e voluntário para ensinar a História do Brasil, sem ao menos, distinguir o que representa a história contada pelos vencedores em detrimentos dos vencidos. Sem imaginar uma sociedade sobre o ponto de vista das contradições das classes sociais fica difícil construir-se um conhecimento libertador! Um bom educador não é construído, apenas, por conta de boa vontade. Há de se ter o conhecimento acadêmico! Há de se conhecer o conteúdo das áreas de conhecimento!

Uma pequena pesquisa no Google lhes traria uma definição um pouco mais científica e próxima da exatidão do conceito. Faltou isso, prepararem suas aulas! Se informarem e, com isso, respeitar seus interlocutores. Não podemos deixar, também, de discordar da caríssima Mestre em suas considerações finais em relação a um colega que propôs uma excelente aula, problematizando, questionando e permitindo o debate, mas, incompreendido por absoluta falta de diálogo com o conjunto da sala e o público queria atender! Numa sala universitária o debate, em contradição com o atual movimento da “Escola Sem Partido”, deve ser livre e solto! Escola existe, justamente, para debatermos e construirmos nossas opiniões!

Por fim, encerramos esse capítulo com a certeza que os seminários, os estudos dirigidos e as regências são, sem sombra de dúvidas, atividades pedagógicas que contribuem para a formação de um Educador. Se não há um desempenho uniforme e perfeito, creio, além de permitir que um grupo se saia, relativamente, bem, aprende-se muito! Os estudos dirigidos contribuem, também, para que possamos construir conceitos de paradigmas, com debate e discussão e, colocando-se no papel, afirmamos esse conhecimento de forma efetiva e permanente.

Ficamos apreensivos com a atual de determinadas instituições de ensino superior que não conseguem cumprir seus compromissos com os docentes, não mantêm um bom nível de ensino e não se importam com a educação como um bem comum e que deve ser visto como responsabilidade social. Demite-se ou permitem a debandada de Doutores, Mestres e Professores e a total desconstrução de uma equipe.

O interesse imediato em lucro fácil em detrimento da qualidade de ensino, onde se impõe os EaD de péssima qualidade e de funcionamento, a contratação de docentes sem qualificação, cujo objetivo, é diminuir salários e diminuir benefícios e encargos sociais, grade curricular rebaixada e que formarão profissionais mal qualificados e de baixo conhecimento. O resultado dessa equação é uma sociedade menos contestadora, menos crítica e mais submissa o que conseqüentemente, nos trará uma sociedade alienada e manipulada!

Esse quadro dificulta a formação de professores que construirão um trabalho efetivamente de boa qualidade nas instituições escolares afora, como foram os formandos dessa turma que com certeza que desenvolveram um excelente trabalho, não só com essa turma, mas, inclusive, com àquelas que passaram por vossas mãos!

Por fim, frequentar uma sala e aproveitar para trabalhar naquilo que sonhamos se torna uma experiência agradável, afetivamente forte, haja vista que nos apaixonamos pelos nossos alunos (e professores, também, no caso da universidade!) e pela arte de desenvolver e construir conhecimento. Levaremos um legado de uma experiência única em nossas vidas e, com certeza, que o corpo docente fez muito mais do que aquilo que lhes é ofertado e que o amor a profissão está acima de tudo. Que vosso compromisso com os alunos é uma realidade inexorável

Agradecer a equipe docente, pela oportunidade de, após 55 anos de idade, propiciarem-nos a proferir a frase “tenho profissão” e, melhor, “sou um Professor, um Historiador!” Caros, graças a vocês ganhamos as duas profissões e podemos afirmar que vamos em busca de nos orientar pela

ética e nos construirmos junto com a juventude trabalhadora como um bom Professor e Historiador!

Conforme prevíamos, além de lecionar, pretendíamos desenvolver, também, atividades acadêmicas e, em particular, retomar aulas, em cursos voltados a formação pré-vestibular e EJA.

Na área da pesquisa já pretendíamos dar continuidade ao nosso trabalho junto a visão de educando com o objetivo de repetir constantemente que a escola é da juventude, que o ensino deve partir da realidade dessa juventude, e que eles devem ser os protagonistas dentro de uma instituição escolar. Vimos desenvolvendo, inclusive, o exercício de cidadania com um trabalho em relação a mobilidade urbana. Agindo com os entes mais esquecidos nos relatórios estudos e estatísticas que se trata do pedestre, o trânsito como um todo e o transporte público e de massas, sob o ponto de vista da visão marxista e da Luta de Classes.

Aproveitar o “tato” com a juventude e criar “um monte de gente chata”, crítica e questionadora para construir concomitante com outras ações, no mínimo, uma sociedade melhor, mais justa, livre de opressão e da exploração, do preconceito e da discriminação e onde o sujeito seja olhado não pelo que tem, mas, sim, pelo caráter que desenvolveu!

Práticas Pedagógicas Desenvolvidas a Partir das Dificuldades!

Como Resolvemos Problemas Disciplinares Com Alunos?

Com toda a vivência acadêmica, aliada a prática em sala de aulas, seja no trabalho onde realizamos a prática pedagógica e que serviu como estágio, seja nos apontamentos e observações com o corpo docente e gestão, pudemos desenvolver algo diferente e que, acreditamos, pode criar outros paradigmas para construir conhecimento com nossos educandos!

Para tanto, é preciso construir saídas que nos permitam dialogar com a juventude que, hoje, diferente, da era medieval, se utiliza da rede de internet e de suas ferramentas. Qualquer outro método de ensino que se utilize de materiais que não estejam ligados aos TICs, se opõe a menor possibilidade de uma boa possibilidade de construção da dicotomia ensino/aprendizagem!

Trabalhar com um público oriundo das partes mais pobres da periferia paulistana, concomitante com boa parte dessa juventude num estado de analfabetismo funcional, em primeiro lugar, há de se trabalhar, inicialmente, com a possibilidade de se completar a alfabetização, de melhorar a capacidade cognitiva no sentido de compreender frase mais complexas e aumentar o repertório de seu vocabulário, muito pobre e insuficiente para que possam galgar uma vida melhor e um nível de conhecimento satisfatório.

A Primeira Experiência.

Iniciamos nossas atividades docentes em um Curso Pré-Vestibular comunitário, voltado à camada mais carente desta injusta e absurda sociedade

capitalista em que vivemos e, pior, racista, misógina, homofóbica e preconceituosa. Convidado graças a minha experiência prática como um sujeito inserido na recente História do Brasil, no que se refere, em particular, a um dos mais tristes capítulos vividos em nossa História, que foram as décadas de 60, 70 e 80, durante o regime militar, afirmando, inclusive, não ter sido encerrado enquanto torturadores e assassinos não estiverem atrás das grades e cumprindo pena pelos crimes e atrocidades cometidas. Enquanto não decretarem o fim das polícias militares, herança de um entulho autoritário da Ditadura Militar.

Hoje, criticamos muito um leigo atuando como educador. A prática pedagógica e seu conhecimento acadêmico são fundamentais para resolvermos alguns problemas cotidianos em nossa vida profissional.

Nessa escola atuamos como docente de História e Cidadania, tentando, de toda forma, inserir esses alunos, não nas promessas vazias que lhe eram oferecidas – e nunca cumpridas!- mas, isto sim, produzindo Saber no sentido de proporcionar uma chance de ingresso em uma universidade pública, certamente, a melhor opção de progresso profissional e social que um jovem negro, nordestino, pobre tem para conquistar uma vida digna e repleta de realizações pessoais e coletivas, haja vista, que sempre trabalhamos na perspectiva de que apenas, coletivamente, romperemos as barreiras, praticamente, intransponíveis para cidadãos, quando oriundos da classe operária.

Com um projeto elaborado e desenvolvido no sentido de ajustar-lhes um comportamento crítico e analítico, concomitante com poder de dissertação e compreensão de texto, atribuir-lhe a possibilidade de ingresso nesse tipo de instituição. Evidente, senti falta de condições técnicas objetivas que propiciassem uma possibilidade de aplicabilidade desse projeto de forma mais didática e pedagógica. Daí partiu a compreensão da necessidade de uma formação acadêmica para resolvermos alguns obstáculos efetivos no dia-a-dia de sala de aula.

Já no segundo semestre do curso, trabalhamos de forma eventual, em aulas na rede pública estadual.

Do ponto de vista pedagógico, a experiência didática e trabalho sindical, não só é mais interessante, como, inclusive, a escola onde desenvolvemos e conseguimos a mais bem-sucedida investida no sentido de construir conhecimento. Como eventual não havia a cobrança de provas, etc. Trabalhamos com um projeto. Não só conseguimos, em pouco tempo, o respeito do corpo docente, Direção, Coordenação Pedagógica, como, inclusive, embora o professor eventual, tenha seu trabalho docente um pouco mais complicado, para conquistar o respeito de alunos. Mas, certamente, foi nossa principal fonte de referência para embasar todo nosso trabalho nos anos seguintes. Como fizemos um projeto com início, meio e fim, onde, desde o contrato pedagógico no primeiro dia de aula, até, culminando com uma simulação de eleição e um plebiscito, desde a teoria sobre o papel das eleições, com visões antagônicas sobre esse processo, desde a Democracia Burguesa até os Sovietes do início da Revolução Russa passando por diversos debates e chegando à prática, com a participação de todos os alunos com quem lecionávamos, num projeto que nos renderam, não apenas, boas horas de Atividade Complementar, exigida no curso de História, mas, certamente, que nos fizeram cumprir aquele que consideramos nosso primeiro e principal objetivo nesse início de trabalho docente. A saber, incentivar o senso crítico do aluno, abrir seus olhos em relação às necessidades de acompanhar os projetos políticos inerentes a nosso povo, se posicionar criticamente, compreender o processo como um todo, problematizar os fatos e acontecimentos de seu cotidiano, e assim, formar cidadãos! No final de 2010, conseguimos o que todos achavam impossível. Dezenove alunos de uma escola periférica, considerada péssima, conseguiram ingresso em uma universidade pública, de um universo de aproximadamente 120! Número, a nosso ver, substancial!

Não obstante, essa primeira experiência nos incentivou a continuar esse projeto, onde não podemos deixar de salientar problemas que tivemos e vivemos nessa unidade escolar, problemas estes, que só aumentaram nas outras três escolas que viemos a trabalhar, com aulas atribuídas e com a possibilidade de ajustar um projeto um pouco mais consistente, haja vista,

essas salas (atribuídas), por todo um ano o que facilita um bom planejamento estratégico.

Ensino Fundamental e Médio. Como trabalha e escolher?

Já no segundo ano de trabalho como docente, todo um primeiro semestre onde começamos com o mesmo Contrato Pedagógico e combinamos um projeto par todo o ano. Assumimos salas de Ensino Fundamental (4 salas) e Ensino Médio (3 salas). Foram duas unidades escolares diferentes. Um trabalho estafante! Uma dessas unidades escolares, notoriamente, de alunos oriundos de escolas particulares e com um nível social um pouco melhor e outra, com alunos extremamente carentes. Não obstante, do segundo semestre de 2011, tivemos, ainda, que trabalhar como estagiário nessas escolas, haja vista que assumimos aulas de Geografia e não, de História! O Professor responsável, tendo em vista a facilidade com que conseguimos desenvolver nossos trabalhos com esses alunos, praticamente, abandonou as salas para que pudéssemos assumir toda a parte didática e pedagógica, tornando-se mero expectador de todo o processo durante todo ano letivo. Passivamente, acabou assistindo às aulas e assinando as fichas de estágio. A nosso ver, um absurdo! Caberia ao docente nos orientar e não permitir, por melhor que fosse, que desenvolvêssemos um trabalho sem o crivo de um profissional experiente. Deveria, isto sim, criticar nosso trabalho a fim de que pudéssemos aprender ainda mais à partir desses erros. Ao final desse processo tivemos uma participação fundamental dos alunos que, estes, sim, nos ensinaram muito e ajudaram-nos a construir um profissional um pouco melhor! Ainda que para os alunos, não temos dúvidas, foi a melhor conjuntura possível que poderia ocorrer, haja vista que, o simples fato de ter um Professor interessado em relacionar o passado com o presente, problematizar tudo e criar uma metodologia que coloca a História como fator de fatos concretos contemporâneos e ligados diretamente, a suas vidas, assuntos que despertaram senso crítico nesse corpo discente, o fato de um Professor

efetivo se abster de assumir suas aulas demonstra todo o estado de espírito com que vive o profissional da área de educação, não só na rede pública, mas, pelo visto, também na rede privada onde o problema se não é a falta de valorização, de carreira e de incentivo, atrasa substancialmente e de forma desonesta e desrespeitosa o salário do Professor! Já na rede pública, o baixo salário, a falta de perspectiva na carreira leva o Professor a baixa estima, a depressão, a omissão e, não há dúvidas, onde o maior e grande prejudicado é seu corpo discente!

Retomando o relatório, propriamente dito, é evidente, no Ensino Fundamental, trabalhamos outras habilidades e inserimos, além da construção de senso crítico nesses jovens, a possibilidade de uma reflexão analítica, a partir da relação presente passado, de qual a importância do conhecimento de processos históricos, menos por suas datas e possibilidades, muito mais pelas reflexões que podemos tirar dele! Foi um trabalho magnífico, onde me utilizei de todas as formas de ferramentas pedagógicas. Desde a aula didaticamente explanada, até o data show e o Youtube. Parece-me, na rede pública, ainda que houvessem as possibilidades objetivas de funcionamento, o que, infelizmente, não é a realidade de nossas escolas públicas, nossos colegas desconhecem essas ferramentas, tão próximas dos alunos, mas tão distantes do corpo docente. Ao menos, quando se trata de utilizá-la para benefício desses alunos! O mesmo pode-se dizer em relação ao WhatsApp!

Já no Ensino Médio, a possibilidade de ingresso nas Universidades Públicas fez com que assumíssemos um projeto voltado a retrospectiva de todo o Ensino Médio, pautado, inclusive, pelos recentes gabaritos do ENEM e da FUVEST, objetivando construir um acúmulo de conhecimento mais aprofundado dos temas abordados nesses eventos, assim como, um trabalho específico com Redação. Não obstante, tivemos alguns alunos dos TERCEIROS ANOS, analfabetos funcionais, não por acaso, negros e não menos, por acaso, pobres, rotulados como “problemas”! Se é verdade que não conseguimos resolver, definitivamente, todo esse problema, sabemos, outrossim, infelizmente, não conseguimos prepará-los efetivamente para

disputar uma vaga numa dessas Universidades, ao menos, com um pouco de atenção e sensibilidade, trabalhamos duro a leitura, a compreensão dos textos e a elaboração de redações e, assim, conseguimos inseri-los no mundo dos alfabetizados e, com uma compreensão dos reais motivos que não tinham essas habilidades desenvolvidas, ainda que, passando mais de 10 anos na rede de ensino regular básica e média!

Por fim, no último ano de faculdade, atribuímos aulas numa escola em um bairro de classe média, porém, com alunos de um bairro pobre e vizinho. Não é preciso dizer de como o morador desse bairro vê esses alunos! Após três anos, assumimos a titularidade de um cargo na área de História nessa mesma escola, onde, mais à frente relataremos, realizamos um bom trabalho visando novas práticas pedagógicas.

Nesta escola, tínhamos três turmas, duas quintas séries do Ensino Fundamental, hoje sextos anos, e um primeiro ano do Ensino Médio. Definitivamente, por questões de características, tivemos inúmeras dificuldades nessa faixa etária do Ensino Fundamental e só a experiência nos trouxe a possibilidade de trabalharmos com esse público. Muita dificuldade de desenvolver um trabalho, de certa forma simples e que atribuímos muito mais as deficiências em relacionar-se com esse público e, inclusive, a falta de experiência, de que por conta das salas em si.

Elaboramos um projeto de construir a História da escola que, não por acaso, conhecemo-la bem, pois, além de familiares terem fundado essa unidade escolar em meados de 1.912, pioneiros nesse bairro, escola que se transformou no que é hoje, após anos, na Escola Estadual Arnaldo Barreto, como, inclusive, estudamos nessa escola! O projeto se desenvolveu, na medida do possível e conforme conseguíamos compreender nosso trabalho junto às salas, de forma razoável, porém, demorou muito para que conseguíssemos atingir nosso objetivo pedagógico de desenvolver o senso crítico, a capacidade de perceber as fontes históricas, cotidianamente vividas em seu próprio meio, ainda que superficialmente. Parece-nos, foi muito difícil para esse público! No início, poucos educandos conseguiam acompanhar nosso raciocínio e alcançar nossos objetivos e, pior, por vezes,

não percebíamos isso! Sem dúvida, do ponto de vista profissional, tivemos muita dificuldade em perceber que estávamos parecendo com os alunos muito mais que ensinando e que teríamos de tirar duras lições para cumprirmos com nossa obrigação educadora. Aceitar que um resultado prático inferior àquilo que almejávamos, mas, de suma importância para aqueles educandos, ou seja, para quem mais importava. Eles! Nos servirá como experiência e com a certeza que nossas características nos permitem um trabalho bem melhor com alunos de uma faixa etária maior, mas, com muito esforço e compreendendo que toda a educação deve partir do conhecimento e da vontade de realização do educando, é possível trabalhar-se, ainda que ,com todas as dificuldades inerentes a um público pobre, mal formado e, em boa parte, analfabetos funcionais!

Já com os alunos de Ensino Médio, construímos um projeto sobre trânsito, haja vista que, logo, eles se tornarão os futuros condutores de veículos e que atribuímos, o conhecimento sobre formas civilizadas de condução é, absolutamente, deficitário! Autoescolas, DETRAN e, enfim, o sistema corrupto e irresponsável, cada vez mais, coloca pessoas despreparadas, particularmente, do ponto de vista de cidadão, para dirigir.

Por outro lado, as concepções ideológicas capitalistas, nos levam a crer que construir cidadãos mal formados e individualistas, que se corrompem em pequenas ações como, simplesmente, ultrapassar um semáforo vermelho se não houver um fiscalizador, o estacionar em local proibido se não passa um agente de trânsito, sobre as calçadas onde não há movimento, todas, ações de pequenos delitos que corroboram com o individualismo e que permitem o acúmulo de riqueza nas mãos de poucos em detrimento de uma imensa maioria na miséria!

Construímos a partir daí, uma parceria com o CETET da CET-SP¹, e levamos um grupo de educadores de trânsito a visitar a nossa Unidade Escolar e realizar uma atividade de educação de trânsito com os estudantes. Esse trabalho foi fundamental para elaborarmos nosso método

¹ A CET- Companhia de Engenharia de Tráfego, desenvolve um trabalho de educação de trânsito no Centro de Treinamento e Educação no Trânsito (CETET), que atua na formação de condutores, motociclistas e estudantes.

pedagógico, pois, sem mesmo atentarmos ao fato, conseguimos aguçar interesse em estudantes até, então, apáticos ou que não se interessavam pelos conteúdos ou mesmo, pelos debates promovidos em sala sobre assuntos relacionados a matéria.

Projeto este que desenvolvemos desde a historiografia do trânsito no Brasil e no mundo até a problematização da existência uma sinalização, da importância, ou não, dessa sinalização, seja a vertical (placas), horizontal (sinalizações nos solos) e semafórica, do auto de infração e da necessidade de regras estabelecidas para uma convivência, nem sempre, pacífica entre motoristas! Quanto mais se estabelece a prioridade individual mediante os interesses coletivos da sociedade, pior são nossos motoristas. Pretendemos questionar qual a disposição dos meios de produção capitalista? Priorizar qual vertente? A individual ou a coletiva? Por que?

Conseguir despertar inúmeros educandos para o interesse nos estudos, no conhecimento e, de forma crítica, inclusive, no trânsito! Foi nossa primeira experiência prática de deixar os alunos escolherem seus objetos de estudo e com qual perspectiva estudar. Dar-lhes a oportunidade de encontrarem respostas para que tenham vontade de estudar e aprender! Leitor, tenha certeza. Aprendemos muito mais com eles!

Toda nossa metodologia que construímos partiu dessa experiência e que vamos desenvolvendo e esmerando a cada momento. Não existe, posso garantir, prática pedagógica que não possa ser melhorada. A evolução é diária, cotidiana, contínua e expressa a evolução! Todos os dias somos e acordamos diferentes. A educação não pode ser diferente. As técnicas, o material (disponível ou não) evoluem e os estudantes com uma rapidez admirável, assimilam essas evoluções. Cabe aos educadores se adequarem a isso e construir mecanismos de acompanhar tais progressos.

A problemática da rede pública

“O Problema da Escola é a Escola”

A rede pública tem tantos problemas que, por si só, poderíamos escrever uma enciclopédia. Todas as iniciativas que qualquer “iluminado” elaborar, será testada na rede pública para desespero daqueles que defendem um mundo justo. Todo ano se resolve uma nova estratégia “revolucionária” e que irá resolver todos os problemas da escola. E cada vez estamos em situação pior e mais catastrófica. Nostradamus ficaria com inveja de ver a linha do tempo da rede pública estadual do estado de SP!

Trabalho de escola que resolve problemas reais de um bairro!

Além dos trabalhos já mencionados acima, cremos, fundamental abordar um que trouxe, não apenas aos educandos, mas, inclusive, a toda a população de um bairro.

Próximo a Escola Estadual Tito Prates da Fonseca, que se encontra no bairro do Imirim, Zona Norte da cidade de São Paulo, onde num cruzamento bem complexo e com várias aproximações, existia um alto índice de atropelamentos, inclusive, de alunos dessa unidade escolar.

Com isso, elaboramos um projeto onde estudamos a História do Trânsito e da Mobilidade Urbana, tal como conhecem-na hoje! Aprendemos que o veículo particular, fruto do individualismo do modo de produção capitalista, prioriza sempre, o veículo, em detrimento do indivíduo.

Após o estudo histórico do trânsito e da mobilidade urbana, começamos um trabalho de campo, onde os educandos ficaram observando as aproximações, os conflitos e a travessia de pedestres que não tinham uma espera semafórica para atendê-los, fato que propiciava o grande número de acidentes com atropelamentos na região. Devemos citar que as escolas particulares da região (três), todas tinham foco semafórico para pedestres. Só a escola da rede pública que não tinha esse dispositivo de segurança à população e, em particular, aos educandos!

Com as análises elaboradas pelos educandos, provocamos um debate sobre as possíveis soluções do problema e como solucionar, em particular, os acidentes ou incidentes provocados por atropelamentos na referida via.

Em posse de um relatório feito pelos educandos e um profundo debate, decidimos por apresentar uma proposta de projeto (em planta baixa) de uma nova sinalização horizontal (faixas de pedestres com retenções), sinalização semafórica (focos de pedestres, semáforo em várias fases, etc.) e vertical (sinalizações com placas de proibições, etc.). Após a elaboração do projeto, saímos em campo em busca de uma abaixo-assinado para obtermos apoio da população local. Com isso, conseguimos, em poucos dias, mais de duas mil adesões!

Com todos esses documentos, formamos uma comissão formada por nós, um outro funcionário da escola e por representantes de salas da unidade escolar, que se dirigiu ao atendimento do Poder Público responsável pela execução do projeto. Após alguns problemas e um bom tempo depois, o projeto foi executado e até hoje é fundamental para a segurança dos pedestres no local! Parte de nosso projeto como a alteração de tempo semafórico e inclusão de mais duas aproximações com foco de semáforo não foram implantadas, mas, o foco de pedestres, nossa principal meta foi, sim, executada!

Hoje, não apenas os educandos, assim como, a população local, de uma forma geral, quando nos deparamos, comentam a pertinência do projeto e todos se sentem apropriados do projeto. Uma forma prática de se ensinar e dar resultado a uma “teoria”. Uma das consequências no senso

crítico desses educandos ocorreu quando o diretor da unidade proibiu uma manifestação dessa juventude eles se organizaram de forma autônoma, desceram após o intervalo, vestiram camisetas pretas e ficaram em profundo silêncio até o término do horário de aulas! Além de reverter a postura autoritária dessa direção, o mais importante foi descobrir que organizados são fortes e conseguem ver suas reivindicações atendidas!

A prática pedagógica que nos utilizamos partia da premissa que o estudante deve aprender a partir de suas necessidades, de seus interesses e embasado na sua vida prática e com algo que lhe dê resultados práticos e imediatos. Afinal, a juventude é imediatista e precisa de resultados para se apropriar da aprendizagem. Fizemos isso nesse projeto e conseguimos atingir resultados interessantes.

Um percentual desses estudantes resolveu, com o estudo de campo e a solução de um problema real, ingressaram em cursos de engenharia e arquitetura. Outros para a comunicação social.

A expectativa de verificar que uma ação prática conseguiu atingir e atender uma parte da população local, além, evidente, deles mesmo, também, serviu para que pudessem compreender a importância do conhecimento acadêmico e que, caso resolvessem investir nesse estudo, teriam como modificar suas vidas e de outros.

A percepção de construir junto aos educandos uma fórmula de permitir que construam seus conhecimentos baseados em suas próprias realidades e respeitar suas vontades de aprendizagem foi-se materializando no dia-a-dia de nossas atividades pedagógicas e a certeza que podia construir resultados acima do esperado. Respeitar o estudante como um ser que acerta, erra, assim como todos e que podemos dar-lhes, sempre, a possibilidade de acertar e aprender com seus erros.

Essa foi a perspectiva que nos moveu a construir um pouco mais, nossa metodologia e que colocá-la em prática seria uma forma de inserir não apenas, conhecimento de uma grade curricular, mas, inclusive, saberes diversos como possuir senso crítico para o ensino e para vida!

Depois desse trabalho, realizamos a linha do tempo dos modos de produção, um roteiro de estudos, ainda sem a devida elaboração que temos hoje, e a ocupação da terra e a teoria da evolução, não sem mencionar e debater a “criação”, também!

Em seis anos avançamos muito e aprendemos mais ainda! Gostaríamos de pegar aquelas turmas hoje. Temos certeza que avançaríamos muito mais!

Em todo o caso, não ficamos até o final do ano letivo e um dos motivos foi uma manifestação dos estudantes que eram proibidos de se manifestarem e calados por uma gestão autoritária!

Num mês que nem estávamos na escola, eles construíram uma manifestação onde todos levaram camisetas e faixas pretas. No intervalo levaram ao pátio e sentaram-se onde permaneceram em silêncio até o final do horário! Uma ação direta organizada e realizada pelos estudantes sem interferência de ninguém! Nosso legado ali foi fazê-los compreender seus direitos e deveres e que podiam, ainda que com uma gestão autoritária, exercer sua cidadania sem que pudessem ser penalizados por isso. Só por isso, pensamos, nosso trabalho foi realizado com êxito!

Projeto de um método pedagógico

Uma Prática Iniciada em 2016 que se tornou referência, agora em 2019!

Abordaremos, á partir de uma pesquisa com alguns estudantes que resultou num relatório entregue a gestão da Unidade Escolar e que motivou mediar junto aos estudantes, hoje, de Sexto Anos de Ensino Fundamental II, com base em nossas experiências anteriores, construindo um projeto de longo prazo, cujo objetivo é construir estudantes capazes de enfrentar um ENEM, um vestibular em Universidades Públicas, além de construir um senso crítico elevado e que possam ter absoluta autonomia em seus aprendizados, em suas escolhas para o futuro e que consigam

exercer de forma absoluta, sua cidadania. Criticando toda essa situação de penúria da rede pública, em particular, da rede pública estadual de SP e, à partir dessa pesquisa que resultou num relatório construído sob a base da realidade e opinião dos próprios estudantes, numa escola encrustada no centro de uma favela da zona norte da capital paulista onde o diagnóstico encontrado por um aluno nos evidencia todo o problema das escolas da rede pública que trabalham com duzentos anos de defasagem, com lousa e giz e de forma autoritária e reacionária reproduzindo o ensino medieval e não avança um milímetro em torno das novas tecnologias (TICs¹), sem condições de fornecer um wi-fi decente, seja para os estudantes, seja para o corpo docente, sem uma sala de informática com a menor possibilidade de um atendimento, no mínimo, razoável, de manutenção, salas de vídeo desatualizada e sucateada, etc. Este relatório afirma, do modo correto, conforme citado por um desses estudantes que “*o problema da escola é a escola.*”.

Tal afirmação, hoje, dos mais arredios a participar de atividades, pois, conforme ele mesmo afirma, nada se aprende de útil na escola e é tudo um modo de prender o jovem durante um período da seu dia-a-dia. Não obstante, nos utilizamos da frase desse jovem para desenvolver boa parte desta obra. Fica evidente que seu senso crítico foi desenvolvido e trabalhado e que o temos como um bom exemplo para, através do conflito, construirmos conhecimento.

Todos os entes que trabalham na rede pública, quando no interior da sala dos Professores, de Diretor até o os trabalhadores da limpeza, via de regra, contribuem para disseminar a ideia de que “*eles (os estudantes) não querem nada com nada*”, “*São muito bagunceiros*”, “*Fulano de Tal é um terror!*”, “*precisa-se expulsar o fulano ou o beltrano*”, etc. Percebe-se que a imensa maioria desses professores, muito menos por sua responsabilidade e muito mais por suas condições de vida, não preparam aulas e fazem da cópia um mecanismo de silenciarem as salas de aula, dos exercícios dos Cadernos de Aluno {apostilas distribuídas na rede pública estadual como

¹ Tecnologias de Informação e comunicação na educação.

uma forma (equivocada)} de avaliar seus discentes. Não se inova, pouca interdisciplinaridade entre os entes docentes no sentido de propiciar uma excelência no ensino, nada de projetos coletivos, etc. Provas que não dizem nada. Como permanecer com essa forma arcaica de se avaliar? Quem deve avaliar seu nível de conhecimento? Aonde o aluno participa de sua avaliação? Preparamos esse jovem para uma avaliação? Qual seu objetivo?

Tudo isso produziu o relatório elaborado a partir de textos, redações, relações elaboradas de forma apócrifa (para evitar-se uma possível punição a livre expressão da juventude). Abaixo transcrevo-a:

Relatório dos alunos sobre a educação pública

Redações em grupos, apócrifas, dos estudantes de Ensino Fundamental II².

“Toda a pesquisa feita diretamente com os estudantes nos leva a crer que o grande problema da escola é a escola!

Se observarmos o mundo atual, percebemos que a escola, em particular, a escola pública, do jeito que está disposta, não atende, minimamente, às condições necessárias para que consigamos construir conhecimento, trocar informações e, a partir daí, construir sujeitos críticos e capazes de enfrentar um mercado de trabalho, que ingresse numa universidade pública e com excelência de qualidade e gratuita, já fica muito aquém das escolas privadas que possuem modelos de ensino mais modernos, voltadas à pesquisa, com laboratórios de informática, física e química, material multimídia em todas as salas que permite uma interlocução capaz de causar o interesse do jovem aluno ao conteúdo pesquisado e de forma a permitir a livre docência e com profissionais bem pagos e com condições de pesquisar e preparar aulas que conseguem chamar a atenção e, com excelência, produzir material interessante e capaz de construir um cidadão crítico e vivo

² Redações realizadas em grupo, após apresentação do documentário “A Educação Proibida”, “Ilha das Flores”, “clips “The Wall” e “Echos”, ambos do Pink Floyd, de um debate na escola que discute a evasão em nossa Unidade Escolar.

na sociedade em que vivemos. Outrossim, estes alunos não são os protagonistas do processo de ensino aprendizagem desta arcaica escola e ficam sujeitos a já conhecido ensino bancário. Haja vista que, as gestões e parte do corpo docente parte do princípio que são os detentores do saber e que a educação se constrói de modo autoritário e monolítico!

Dito isto, ao perguntarmos a juventude trabalhadora que estuda numa unidade de ensino, onde sobram críticas desde a já conhecida prática de sucateamento dos prédios públicos e de um ensino que não atende aos interesses dos alunos, como, por exemplo, a manutenção, limpeza e disposição (grades, etc.) dos prédios, passando pela forma de ensino arcaica e atrasada, pela falta de itens básicos para conviver por cinco horas dentro de um recinto, etc.

Se é verdade que alguns alunos reclamam, inclusive, da politização que levamos à sala de aula, reclamam muito mais da falta de respeito e do autoritarismo do corpo docente. Onde a palavra do aluno não é levada em conta e sempre estão errados! Também reclamam dos discursos promovidos para apologia religiosa o que nos leva a refletir que TODOS temos de repensar nossa postura em relação a nossa atuação profissional mediante o corpo discente!

Por outro lado, uma outra parte, discorre muito mais sobre “pregação religiosa” na escola, o que é grave se levarmos em conta que nem todos professam da mesma crença religiosa, sem mencionarmos aqueles que nem crença tem, onde devemos preservá-los, não nos cabendo proferir nenhum tipo de valor sobre o tema! Aliás, vivemos num Estado laico e devemos combater para mantermos a escola com suas portas abertas apenas a ciência, deixando do portão para fora nossas crenças e opiniões! Todo somos seres carregados de cultura que não nos permite a isenção, mas, que seja tratada de forma a não inserirmos, ao menos, nossa opinião, no contexto do ensino e aprendizagem, permitindo aos educandos a tarefa de optarem por tudo aquilo que lhes convier e considerarem o melhor para cada um deles.

Temos a certeza que se trata de um absoluto abandono do Poder Público em relação a todo o ramo de educação. Se o STF impede uma ação ganha pelos docentes de receberem uma pequena parcela de toda a perda salarial acumulada durante anos, o Ministério Público, fecha os olhos com a situação de abandono dos prédios, das condições materiais e pedagógicas com que se encontra toda a Rede Pública Estadual, onde, inclusive, alguém ligado ao Poder Judiciário tem a desmedida ideia de roubar a merenda dessas crianças! Com isso, podemos perceber a importância que o Estado dispõe a Educação Pública!

Escola para que?

Do modo como se pensa e como se apresenta a escola é desprovida de interesse e, portanto, existe uma grande falta de apropriação dela, por parte dos educandos, o que se torna outro fato que preocupa bastante. Não vislumbramos a menor vontade política em modificar esse quadro no próximo período, aliás, por conta do projeto vencedor em nossa sociedade nesse último período, vimos, inclusive, um acirramento, para pior, dessa realidade. Muitos dizem que não gostam de escola e que nada os instiga a virem a escola e assistirem às aulas. Um dos motivos é justamente esse! Assistirem as aulas. Não são protagonistas de sua construção de saber! Para eles, é só um tempo perdido! A necessidade de resgatar essa apropriação é imperativa para que consigamos chamar a juventude trabalhadora a compreender a importância desse saber! A crítica em relação a precariedade às salas de vídeo e, em particular, de informática que, abandonada pela gestão pública, não consegue atender, minimamente, às necessidades da juventude! Falta de tudo, desde um DVD que funcione, um computador de razoável qualidade, computadores, teclados, mouses e caixas de som quebradas, falta de manutenção que não permite o funcionamento de metade dos aparelhos são, alguns dos problemas, que encontramos no cotidiano e que impede uma boa qualidade de aula!

Temos, ainda, as críticas a manutenção do prédio. Banheiros sujos e sem espelho (reclamação em todas as escolas!), falta de vidros, ventiladores, portas, cadeiras, carteiras, sistema antiquado de aula (lousa e giz), falta de wi-fi, excesso de grades, falta de laboratório para as áreas de física, química, etc. Essas críticas partem desde a falta de papel higiênico nos banheiros até a precariedade como eles são limpos. A falta de trabalhadores de limpeza, da qualidade da merenda (não por conta do que é oferecido), mas, pela falta de produtos para melhorar a qualidade nutricional da merenda.

Também no inter-relacionamento de corpo docente-discente-gestão. Há consenso que a falta de respeito é generalizada e que em todos os campos a palavra respeito não é encontrada. Entre alunos, entre alunos e professores, entre professores e alunos, entre professores (reclamam muito de professores que ficam falando mal de outros professores!), gestão com alunos e vice-versa.

Cita-se o descontentamento dos educandos com excesso de aulas com cópias de textos e solução das questões do Caderno do Aluno enquanto o docente fica no celular! Tudo isso, além, do abuso dos alunos com o celular, em todas as aulas o que demonstra a falta de autoridade do Professor em relação ao grupo. Falta-nos a compreensão que autoridade é conquista e não imposição. Pouca gente consegue perceber a diferença, inclusive como processo pedagógico!

Concluimos com a certeza que a juventude precisa e quer uma escola mais dinâmica que se utilize dos TICs³, que trabalhe mais a pesquisa de que as cópias e a camisa de força do método proposto pelo estado. Onde a autoridade seja compartilhada e que seja uma conquista e não uma imposição. Que escute mais os alunos e que as aulas sejam inclusivas e dinâmicas, baseadas sobre outros paradigmas que não cópias e soluções de problemas, que avance no sentido de permitir que o aluno seja elaborador desse conhecimento e um protagonista no processo. Escutá-los sobre o que e como aprender é fundamental numa sociedade onde pretendemos

³ Tecnologia na Informação e Comunicação na Educação.

construir sujeitos autônomos críticos e que saibam conduzir, não penas, suas vidas, mas, o mundo onde os problemas se multiplicam e precisamos de serem que sejam críticos em relação a tudo a fim de elaborarem políticas públicas capazes de atender suas necessidades!

Não obstante todos esses problemas, podemos citar os fatores de risco existentes na escola que propiciam, em algum momento, um incidente que pode causar vítimas, inclusive, fatais, que independem só da gestão, mas, do conjunto dos profissionais que dirigem a rede. Fiação inapropriada e em péssimas condições, excesso de grades e tranças com cadeados que podem ser uma armadilha a segurança de todo a comunidade escolar. Elevador sem manutenção e com restrição de uso (se existe, por que não usar?), centralização de decisões sem escutar, em particular, o corpo discente, já que podem ser as principais vítimas desse tipo de evento!

Gostaríamos de questionar por que não adotar as salas ambiente que facilitaria a construção de laboratórios, cremos, ajudaria no sentido de todos cuidarem do bem público como carteiras e cadeiras, portas, cartazes, etc. Tomar como “seu” o bem público poderia causar uma menor demanda de material e, com isso, construir a cidadania entre a juventude, além de facilitar aos alunos a possibilidade de transitar pelos corredores e saírem de um ambiente único, que ajuda numa maior leveza de sociabilidade!

Temos a pretensão de exercer o direito a voz dos alunos e, com isso, relatamos os principais problemas de nossa unidade escolar e, por vezes, da rede, pois, se trata de um relatório daquilo que eles escreveram e relataram-nos durante essa atividade específica que tem o objetivo de melhorar, não só o inter-relacionamento entre discentes e docentes, mas, a qualidade de ensino que propicie o aumento de procura em nossa unidade escolar.”

Assinamos como “Professor responsável” pela atividade, em forma de um requerimento oficial dirigido a gestão da unidade escolar, cujo objetivo que se oficialize o descontentamento de todo o corpo de educandos e se procure soluções práticas para essas considerações.

Embora este documento não tenha como objetivo resolver os problemas da educação pública, apesar, de ser uma crítica objetiva e concreta, pretende, isto sim, apresentar-se como um elemento para nossa reflexão e destacar a opinião da juventude, sem dúvida, o ente mais importante dentro de uma Unidade Escolar e que, o conjunto da comunidade escolar faz questão de não lembrar desse fato e muito menos, de escutá-los, fica evidente a total falta de estrutura oferecida pela rede pública estadual de SP. O jovem estudante não tem voz, é mudo e calado em todos processos de ensino e aprendizagem nas escolas da rede pública, afinal, dá trabalho escutar algo assim!

Mas, pretendemos com esse documento, utilizarmos-lo como uma ferramenta de conquista para algumas melhoras em nossa unidade escolar e utilizar, nesta obra, para quem sabe, suscitar um debate que conclua com a mobilização necessária para estudarmos e modificarmos um pouco a estrutura material e pedagógica de toda aberração que encontramos nas salas de aula da rede pública. Ele, por si, já é fruto do desenvolvimento de uma prática pedagógica iniciada com a divisão de estudantes de sextos anos, em estágios de aprendizagem. Boa parte desses estudantes são analfabetos funcionais, outra analfabetos completos. Alguns alfabetizados, porém, que necessitavam de melhorar repertório de vocabulário, aprender a ler de forma crítica e, inclusive, opinar por obras de boa qualidade.

Essa primeira fase, ainda ficou alijada da possibilidade de permitir ao estudante aprender àquilo que ele considera importante. Que daria a opção de aprendizagem mais interessante, mas, já caminhando para isso!

Também, o contrato pedagógico transparente, apesar da pouca idade desse público, com pautas de convivência, reunião com os estudantes para resolver problemas de relacionamento, comportamento em que todas ações vinham do conjunto da sala. As avaliações que suprimem as provas, mas, sim, ao avanço de cada um dos grupos, de acordo com suas próprias condições e temporalidade. Instaurar-se a autoavaliação, a avaliação da sala em seu conjunto, sem levar em consideração questões disciplinares e focando, exclusivamente, nos avanços acadêmicos coletivos, avaliação da

aprendizagem, independente das tarefas (entrevista com o estudantes de forma individualizada), produção de texto coletivos e individuais que possibilitem avaliar avanços, além, de contextualizando o conteúdo aplicado, trazer a possibilidade de incentivar a leitura, a pesquisa, a criticidade e a absorção desse conteúdo quando tratado contextualmente da realidade vivida por esses entes.

Evidente, passamos em torno de dois meses -e isso se repete com todos os sextos anos que aplicamos o método- para que o estudante assimile o método e passe a colaborar com o grupo no sentido da construção de uma sala responsável, cidadã e com senso coletivo e crítico!

Temos um ano para construir um grupo alfabetizado, leitor e consciente.

Encontraremos problemas, evidente, mas, há de se ter a tranquilidade de se resolver coletivamente e às portas fechadas! Chegamos a retirar de sala alguns estudantes, porém, após um longo debate com a sala e com a consciência desse estudante que ele prejudicou o andamento da aula ministrada e que fique necessária sua mudança comportamental para não prejudicar o coletivo!

Temos, ainda, durante o período letivo uma pausa para trabalharmos e exercitarmos a cidadania entre esses jovens estudantes.

Conseguimos durante um certo período, onde já citemos um outro trabalho, uma parceria com os educadores da CET e levamos um trabalho bem interessante nessa Unidade Escolar, por conta de tantas necessidades e de tão pouco atendimento por parte do Poder Público as comunidades mais pobres da cidade.

Inicialmente pegamos esses estudantes para uma análise de campo onde debatemos a retirada de lombadas físicas de uma determinada via que, tecnicamente, diga-se de passagem, realmente, torna-a inviável dessa intervenção viária dada ao excesso de curvas, aclives e declives locais. Porém, um fato que temos que avaliar. A retirada das lombadas clandestinas aumentou substancialmente o atropelamento de crianças e adolescentes no local. Qual a saída?

Com um grande debate que realizamos com a comunidade e com os próprios estudantes, verificamos a possibilidade da intervenção do viário em determinados pontos e fomos à luta com um projeto, confecção de maquetes, abaixo-assinado junto à comunidade pela reivindicação da instalação de redutores de velocidade. Importante salientar que procuramos tomar cada passo em consonância não apenas dos estudantes, como, inclusive, com a participação da sociedade local. Instruímos a não reivindicar algum tipo de solução para não inviabilizar outros. Se a comunidade pede lombada e esta intervenção fica prejudicada, a reivindicação é negada e não se resolve o problema. Nossa questão era resolver o problema dos atropelamentos!

Assim agiu-se e algumas lombadas estão instaladas e outros intervenções estão por vir na comunidade! As pessoas cuidam da sinalização instalada, e nossos estudantes já aprenderam a força da organização popular.

Acreditamos que conseguimos o objetivo com os estudantes de erradicar o analfabetismo e prepara-los para o trabalho que viria a seguir, onde nos sétimos anos, trabalharíamos um pouco a História da Produção Humana e, depois, a ocupação do território brasileiro, não sob a orientação da História Oficial do Estado Brasileiro, mas, sim, contestando-a com fatos e origens diversas e com fontes confiáveis que devem modificar como se contar nossa história daqui a alguns anos.

Trabalhar conteúdo de forma a convencer os estudantes a trabalharem com um assunto pré-estabelecido não é muito fácil quando se constrói seres críticos e atentos a qualquer ato autoritário. Porém, com o diálogo franco e abrindo-lhes a perspectiva de incidir nesse processo, o convencimento é possível!

E com essa perspectiva elaboramos um plano para convencer aos educandos da necessidade de se aprender conteúdo sob uma forma livre e que possibilite construir um ensino libertador e fundamental para ajudá-los num vestibular, porém, sem deixar de levar em consideração a uma atividade crítica e que questione a sociedade e seus problemas.

Debatemos, com isso, o que aplicar em sala de aula e decidimos (nós e os estudantes) que trabalharíamos os modos de produção e o que conseguiríamos atribuir a premissa de Karl Marx que **“A História da Humanidade É a História da Luta de Classes”**, haja vista que nossos estudantes não estavam e muitos não concordam com esse paradigma até hoje, com essa premissa!

E, assim, iniciamos o ano com uma linha do tempo que deveríamos cumprir até o fim do ano. Concomitante a linha do tempo, previamente, distribuída aos estudantes, anexamos um roteiro com links de filmes, vídeos e textos escritos pelos mais diferentes matizes políticas, religiosas e filosóficas. Fato é, muitos estudantes até o presente momento não estão convencidos de nossa posição que compartilhamos com Marx!

Essa linha do tempo contemplava desde as Comunas Primitivas até o Imperialismo, passando por teorias econômicas como Feudalismo, Liberalismo, Socialismo, Anarquismo. Por seus diferentes autores e suas defesas.

A cada meio de produção estudado, construíamos grupos de trabalho para estudar, criticar e elaborar textos que dessem conta desse período!

Evidente, nosso interesse não estava em convencer nenhum estudante que posição “a” ou “b” era a correta, melhor ou mais efetiva, mas, sim, prestar ao trabalho de que eles estudassem e conhecessem um pouco de cada uma delas. Uma frase, creio, marcou a todos, embora nem isso os tenha convencido sobre a questão da propriedade ou de acúmulo. *“Nas Comunas Primitivas os seres-humanos eram ricos, felizes e conviviam pacificamente repartindo o que plantavam, caçavam, pescavam ou que colhiam na natureza...”*, nos demonstra que podemos ser felizes sem acúmulo. O problema é como fazer o estudante compreender isso!

Trabalharmos a melhoria da qualidade de leitura, a construção de redações críticas à partir do objeto estudado, inclusive, iniciando-os no mundo da pesquisa era um dos grandes objetivos nesse momento. Não obstante terem contato com teóricos fundamentais na nossa história como, Comte, Voltaire, Rousseau, Adam Smith, Marx, Hegel, Bottomore, Engels, Lenin, Trotsky, Mills entre outros. Evidente que a dificuldade de

compreensão desses estudantes em relação a essas figuras só nos trará frutos muito além desse período, mas, a semente do conhecimento é lançada em forma de que, inclusive, alguns estudantes já se aventuram pelos caminhos do conhecimento das áreas da filosofia, da sociologia, economia, história, etc.

Ao trabalharmos um roteiro e uma linha do tempo, conseguimos com que os estudantes pudessem elaborar e participar do conteúdo de forma a manipulá-lo. Permitir que alterações fossem realizadas por eles e que textos, vídeos-aula e filmes fossem modificados e que atendessem ao interesse imediato do corpo discente! Essa interação nos permitiu um assunto difícil e complexo tivesse êxito e tornasse-se prazeroso com debates acalorados entre o docente e os discentes sobre quais as melhores perspectivas para a humanidade e a certeza que o objetivo de trazer um conteúdo importante, um debate necessário e a curiosidade e o interesse que pode traduzir nas discussões e que formam esses estudantes, cada qual de uma forma diferente, porém, que traz conteúdo a sua formação sem esquecer dos aspectos críticos e de sua construção como cidadãos.

E demos continuidade a nosso projeto pedagógico!

Enquanto numa escola de ponta da rede privada, existem, hoje, lousas informatizadas que interagem entre os sujeitos numa sala de aula através de terminais em carteiras, metodologias que buscam preparar seu corpo discente, além, para uma vida com criticidade e reflexão, também, para prestar e ingressar nos vestibulares das Universidades Públicas. Já, para o aluno pobre da rede pública, em particular no interior de uma favela, como em nosso caso, sobra-lhe a universidade paga e sem nenhum interesse na construção científica e crítica, mas, sim, apenas, fruto de lucro!

Paradoxal e absolutamente, injusta, essa lógica, torna-se cada vez mais, evidente e notória! A escola pública, diferente da privada, mais parece uma unidade de contenção de jovens e adolescentes de que uma instituição de ensino, deixando, em estado, ainda mais crítico, se observarmos que os cadeados permanecem fechados, com as chaves

ditatorialmente em posse de uma pessoa onde a fiação elétrica é uma lastima, onde não funciona os extintores (inexistentes na maior parte da escola), sem água nas mangueiras anti-incêndio e sem uma Comissão Interna de Prevenção de Acidentes), além da falta de conhecimento da brigada de incêndio, inexistente, inoperante e sem conhecimento, sequer, do que são fatores de risco! Ou seja, é um amontoado de jovens e funcionários públicos, além de uma dezena de terceirizados colocados em risco por absoluta falta de responsabilidade da gestão pública.

Se é verdade que o Professor é vítima de um absoluto desrespeito em sua formação e profissão, de um sistema arcaico e medieval, de outra forma, meritocrático e que não atende às suas necessidades e muito menos do Ensino Público, como universal, por outro, alguns desses educadores acabam reproduzindo essa lógica autoritária do modo de produção da propriedade privada, de uma escola verticalizada, reprodutora do sistema e que agrega a todos os tipos de preconceitos, racismos e diferenciações sociais, atacando a maior das vítimas desse sistema educacional esdrúxulo e ineficaz, o educando!

Num dos autores estudados, George Novack, em seus estudos macroeconômicos, baseado, também, na teoria de Leon Trotsky do “*Desenvolvimento desigual e combinado*”, cuja, obra de mesmo nome, de Novack, extraída e, depois, desenvolvida da obra de Trotsky “A Revolução Russa”, advoga-se, corretamente a nosso ver, que o desenvolvimento econômico se dá de forma que a burguesia se apropria das riquezas e que o sistema de propriedade privada dos grandes meios de produção, adequa-se a todo momento e de toda crise e consegue retirar seu quinhão, muitos, diga-se de passagem, não permitindo ao proletariado ao menos defender seus direitos, ou seja, onde quem produz nada ganha, restringindo-lhe a parcas esmolas, através de programas sociais e programas de atendimento às suas necessidades básicas. Quando a Luta de Classes permite, os trabalhadores diminuem suas perdas e ganham alguns benefícios, concomitante com os proprietários dos meios de produção, em outros, porém, que, diferentemente, a situação não lhes é favorável, a burguesia

continua aumentando seus ganhos e pilhando os estados nacionais, enquanto, nós, trabalhadores, perdemos o pouco daquilo que conquistamos e retomamos, sempre, a um patamar inferior. Na verdade, sempre, nesse sistema de propriedade privada, a burguesia “nada de braçadas”! E na educação ocorre um evento em que filtrar o ingresso as melhores universidades para seus filhos criando filtros acadêmicos. Isso fica evidente com a verdadeira destruição das redes públicas de ensino que, para além de sucateadas, destroem qualquer possibilidade de construirmos uma juventude trabalhadora em condições de disputar vagas nas grandes universidades públicas e, em particular, nos cursos mais significantes, relegando-os a um papel coadjuvante na sociedade.

Uma qualidade de ensino ruim e má gerida garante aos filhos desses “proprietários”, a vaga nas universidades públicas e gratuitas, enquanto, cabe aos filhos dos pobres que estudem nessas unidades escolares públicas a única possibilidade de ingressar numa faculdade de péssima qualidade (chamadas de caça níqueis) e pagar uma prestação mais baixa ou disputar no ENEM, alguma vaga nos programa sociais que atendam alunos bem sucedidos nesse exame, com pouquíssimas possibilidades de almejar uma Universidade Pública ou uma privada com bom nível de excelência!

O educando da rede pública estadual encontra-se nesse segundo grupo.

Com a criação da LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) que restringe investimentos (alinhada de gastos, por essa elite) nas áreas de educação, saúde, mobilidade urbana, cultura, temos a necessidade dos capitalistas burgueses que atuam, em particular, na área da educação, aumentarem seus lucros e conterem a baixa de taxa de lucro através da pilhagem do estado, assim como, por conta de exigência dos especuladores, também, chamados, “investidores”, mas, que, na verdade, são, apenas expropriadores e pilhadores de capital dos povos, claro, com a anuência e gerenciamento dos governos nacionais, do FMI e das “tais” agências de controle de capital, as mesmas, que dão as notas aos países em relação a

sua capacidade de pagamentos, mas, também, impõe a retirada de benefícios trabalhistas e sociais e oferecem, apenas, as compensatórias sociais que, nem de longe, suprem as necessidades básicas de um povo. Isso tudo, traz um alto custo às massas de trabalhadores, sem dúvida, as maiores vítimas dessas ações. O Banco Mundial e o FMI propõem, como forma de acalmar essa camada da população, essas ações compensatórias. No Brasil, isso acaba se expressando em programas sociais como, o Bolsa Família, o ProUni, o Pronatec, cotas por gênero ou etnias, Minha Casa, Minha Vida, entre outras ações. Ocorre que, se por um lado, é evidente, são ações necessárias face ao imenso fosso social entre a casta burguesa e a imensa maioria do povo trabalhador brasileiro que vive em trágicas condições de vida, subnutridos, sem direito a saneamento básico, sem um atendimento médico e hospitalar, no mínimo, descente, e escolas sem nada para possibilitar um bom trabalho docente, mas, para mascarar esse fosso social e não permitir o sofrimento das camadas mais miseráveis da população, essas medidas que mantem os interesses dos especuladores e que causam e os colocam como os verdadeiros responsáveis por esse estado de coisas!

Se é verdade que eles resolveram momentaneamente a questão da miséria para boa parte de nosso povo trabalhador brasileiro, também, é verdade, que são medidas paliativas e que necessitamos, isto sim, de medidas concretas e eficazes que ataquem as causas e não, como pretendem, os efeitos e resolvam e determinem soluções definitivas a tanta injustiça social.

Porém com o advento do golpe jurídico-parlamentar ocorrido no país, tudo isso virou água. Só não, a pilhagem do “mercado” ao Estado! ProUni praticamente acabou com a totalidade da gratuidade, FIES virou um financiamento à classe média, como era antes dos Governos Lula-Dilma e exige, inclusive, fiador, o que impede a juventude trabalhadora de se beneficiar desse programa. O Bolsa-Família está se esvaindo! Aos poucos, estão acabando com o programa e diminuindo, cada vez mais, o número de beneficiários e o Minha Casa, Minha Vida, pior, deixou de atender as famílias mais pobres e passou atender a pequena-burguesia! Um desmonte enorme nos programas sociais eleitos como vilões pelos déficits

comerciais, pelas “despesas” do governo e responsável pela enorme dívida pública do estado brasileiro! Essa posição só que atende aos interesses do “mercado” e garante aos formadores de opinião o seu quinhão! Quanto a população passa de vilã, a condição de miserável!

Com tudo isso acontecendo, concomitante a situação econômica que os golpistas nos meteram, nossos alunos são OBRIGADOS a estudarem que, se não é um mal por si, os fazem comparecerem as escolas, contrariados.

A educação não deve e não pode ser impositiva do ponto de vista pedagógico, mas, uma livre vontade de aprendizagem por parte do estudante. O educando tem a necessidade de sentir-se sujeito numa sala de aula e, não um depósito de informações, como se atribui ao ensino bancário. Não obstante, a falta de atrativos, do ponto de vista da perspectiva desses jovens é notória, assim como, perceberem seu papel e sua importância social!

Mas, ainda que, com toda essa problemática e falta de tudo, conseguem mensurar muito bem a qualidade de ensino que recebem e a falta de estrutura e de material da rede pública estadual! Sabem, por exemplo, que esse ensino não lhes trará os meios necessários para saírem de suas atuais condições sociais e a alçarem algo melhor que não significa, necessariamente, uma alçada social, mas, de sapiência! De serem reconhecidos e respeitados numa sociedade classista, racista e preconceituosa. Há de se atacar, como defendemos, as causas e não as consequências! É imperativo que tomemos em nossas mãos essas iniciativas e exijamos as mudanças necessárias para construir uma rede pública, antes de mais nada, de qualidade, com estrutura e com melhores condições, principalmente aos alunos, mas, também, aos educadores e demais trabalhadores da educação!

Não é mais possível sustentar um regime que oprime o educando, o educador e toda a comunidade escolar. Desde a forma autoritária da disposição de uma sala aula que provém da Idade Média, até a APM, uma instituição falida, que serve a interesses mil, menos dos estudantes. Os Conselhos que chegaram para gerir a crise capitalista e a falta de verbas

para as mínimas necessidades de uma unidade escolar e que não pode deliberar nada além do limite de verbas dessa crise!

E pior!

Serve para coibir os cidadãos que percebem a lógica grotesca de um Estado opressor e não tem outros meios de lutar contra isso, haja vista que as pessoas se referenciam nesses conselhos, pseudodemocráticos, que de nada servem para atender às reivindicações e necessidades dessa comunidade, mas, que por outro lado, atende a necessidade do mercado e do Estado capitalista para coibir a população de ver atendida às suas necessidades! As verbas vem discriminadas e determinadas a um objetivo traçado por burocratas do governo que, muitas vezes, nunca pisaram numa sala de aula, salvo quando eram alunos, mas, percebe-se, tenta-se de tudo para maquiagem seu uso e tentar burlar o Estado. Enquanto isso a Lei de Responsabilidade Fiscal (L.R.F.), ataca aos interesses do povo, na medida em que, regula tudo que vai para o trabalhador, mas, permite, as licitações que, sabemos, são fraudulentas desde que a primeira nau chegou por esses ares tupiniquim!

Outrossim, os grêmios estudantis onde em boa parte das escolas é manipulado por sua gestão, que manipulam e doutrinam seus alunos e um importante instrumento de luta e de reivindicações da juventude trabalhadora, inclusive, para educá-los a se auto organizarem em torno de seus direitos, acabam por manipulá-los e tornam-se um instrumento que se volta contra os próprios estudantes ao serem conduzidos de forma a trabalhar naquilo que a gestão da escola não tem eficiência como, por exemplo, limpar a escola, servir como correia de transmissão dos interesses políticos da gestão escolar e do governo, são calados antes de mesmo de se manifestarem numa doutrinação de uma pseudo-educação, de seguir a disciplina e hierarquias, etc. Ou seja, tudo que vai contra os interesses dessa juventude! E essa manipulação é simples e fácil. Afinal adultos, estruturados manipulam a juventude com certa facilidade! O instrumento para impedir essa ação seria a independência política desses grêmios!

A falta de verbas acaba por, não apenas reduzir sobremaneira as condições de trabalho do Educador (salário baixo, não respeito da Lei Federal

11.738/08 do Piso e da Jornada do Magistério, falta, outrossim, uma política transparente de plano de carreira, nenhum benefício adicional, ou seja, em nada é beneficiado o trabalhador da educação, como ,então, esperar ânimo e disposição para trabalhar?

Para além disso, a estrutura da rede pública é pífia! Enquanto as escolas de importância média para cima e com pequenas verbas já possuem quadros interativos digitalizados, terminais em carteiras para a interação do aluno, circulação de ar satisfatória, na rede pública não!

Faltam as mínimas condições objetivas de trabalho. Trata-se de um problema sistemático e, nos parece, cada vez mais emblemático! Falta estrutura, material didático auxiliar, poucos TICs, bibliotecas desorganizadas e/ou fechadas, salas de informática sem uso e trancafiadas, falta de laboratórios, em particular, para exercício de disciplinas como Artes, Geografia, Física e Química, apoio da gestão, etc. Não há investimentos em materiais que auxiliem o desenvolvimento dos educandos. Faltam televisores e/ou projetores e sistemas integrados de computação para acabar de vez com o giz e lousa e, entrarmos no moderno mundo das escolas de ponta e dos TICs! Wi-fi para que todos possam acessar a internet dentro da Escola. Cursos de especialização e possibilidade de mestrado e doutorado *Stricto Sensu* para os educadores, onde só é oferecido extensões em EaD e, mesmo assim *Latu Sensu*, o que diminui a capacitação. Isso para não chegarmos ao ridículo de constatarmos que faltam papel higiênico, cadeiras e carteiras para alunos, mesa a cadeira, no mínimo, decente, para os Professores e espaço físico suficiente para que possamos, minimamente, sair de dentro de uma sala de aula e “arejarmos” a construção do conhecimento!

Conselhos para que? Para quem?

Como constatamos, os problemas são inúmeros e a vontade política de resolverem-se esses problemas, nenhuma! Se de alguma maneira temos um ECA avançado e uma LDB que pode nos auxiliar a melhorarmos

e modernizarmos a educação no país, por outro, temos os interesses políticos que preferem manter esse estado de coisa e um PNE, elaborado por um CNE tripartite e, por conta disso, atende muito mais aos interesses da burguesia e das instituições privadas de que da rede pública.

Entretanto, os ataques a LDB estão aí e nos rondam a todo o momento por conta de uma pequena parcela da sociedade que atacam a ideologia de gênero, querem nos impor a “Escola Sem Partido”, etc.

Todas e quaisquer experiências são realizadas na escola pública e tudo que é, comprovadamente, bom, acaba servindo mais às escolas privadas. Criam-se mecanismos de desviar verbas públicas para o ensino privado, seja através de programas como FIES, Pronatec e ProUni, seja com outros mecanismos de burlar a necessidade pública em detrimento do lucro dos estabelecimentos privados! Defendemos que as verbas públicas só deveriam atender às instituições de ensino público!

Se esse modelo de conselho (CONAE, CNE, CEE, etc.) só servem para escamotear as verdadeiras intenções dos participantes e que, com a participação dos sindicatos de trabalhadores da área de educação, acaba por dar a sustentação política necessária e legítima a transferência de verbas públicas para atender aos interesses da burguesia. Isso tem que acabar!

As verbas públicas devem, isto sim, ser destinadas, única e exclusivamente, as escolas públicas, assim como as vagas das instituições universitárias públicas devem atender, inicialmente, ao público oriundo das escolas públicas. Educandos das escolas privadas só devem ingressar nessas instituições se houverem vagas excedentes. Do contrário, deve-se garantir o ingresso ao aluno pobre, interessado e que não pode pagar uma instituição privada!

Não obstante, esse aluno deve “pagar” em forma de trabalho remunerado, esse ingresso, ou seja, formou-se numa Universidade Pública? Trabalha no serviço público com contrato de determinado número de anos para que a verba pública sirva para atender às camadas mais pobres da população, afinal, o dinheiro é público! É o cidadão formado servindo ao conjunto da sociedade.

Relação de conflito professor x aluno

Boa parte dos mais sérios pedagogos e estudiosos, entre outros autores progressistas, defendem que, sem amor, não há aprendizagem! O que querem dizer? Não obstante, a falta de estrutura, Professores e alunos tornam-se inimigos, quando, na verdade, são vítimas da Luta de Classes e da burguesia que, com isso, mantém-nos desunidos e, cada vez mais, distante de alcançarmos uma boa condição de ensino para a rede pública e conseguirmos construir aos nossos alunos, o direito de ingressarem em universidades de boa qualidade, públicas e gratuitas.

A constatação se dá no dia-a-dia nas escolas, na sala dos Professores, no pátio de intervalo, nos corredores e nas ações de ambos os lados. Se, de um lado, na sala dos Professores só se escuta que os alunos não querem nada, são desrespeitosos e que não tem família, etc., por outro, que o Professor é autoritário, não sabe explicar ou não faz nada. Em casa onde se falta comida todos brigam e nenhum tem razão, já diria um velho Ditado Popular! É verdade que muitos Professores não preparam aula, não estudam e preferem dar cópias e exercícios já impressos para não terem que “perder tempo” em elaborar um projeto e uma aula. A cópia de algum texto já impresso evita a “bagunça” e é uma forma de “dominar” a sala e evitar a indisciplina! Mas, o que causa essa indisciplina? Esse Professor se debruçou sobre as causas da consequente “bagunça”?

Infelizmente, na relação entre docentes e discentes, a visão generalizada é de se pautar como inimigos. É contumaz Professores, no horário de entrada, de intervalo ou em reuniões pedagógicas ou de planejamento escolar, ao invés de debater assuntos concernidos a realização de uma competente ação de ensino aprendizagem, da interdisciplinaridade, de ações educativas, de projetos de média e longa duração, preferirem reclamar de alunos. Não obstante, também, vemos inspetores atacando alunos, Professores e alunos, de igual forma, atacando a Professores, ou seja, todos os entes numa unidade escolar preferem tratar-se como inimigos! Se é verdade que onde existe conflito, constrói-se aprendizagem, mas, isso se

dá, num ambiente onde se apregoe, de fato, a aprendizagem! Não nos cabe nos digladiarmos de forma inócua e, sim, tentarmos, unificados, construirmos essa escola que almejamos. Mas, de qualquer forma, continuamos a reproduzir isso.

Já os verdadeiros responsáveis por isso continuam impunes. Mandam seus filhos para uma escola de boa qualidade e destroem a nossa! Alimentam as vagas das Universidades Públicas e continuam a nos reprimir, excluir e nos jogar uns contra os outros! Até quando? Até quando iremos suportar esse estado de coisas e permitiremos que os pobres continuem miseráveis e estudem num sistema de educação pública falido e sem perspectivas de uma verdadeira ascensão social?

Já em relação ao aluno ele respeita os Professores. Se não, por quê? Quais são as formas que temos de nos relacionar com o corpo discente? Como atendemos as demandas deles? Quais as condições objetivas em seu meio? Sua moradia e seu bairro são permissivo e agressivo para ele? Quais as possibilidades de acesso a cultura, a diversão e a arte? São tratados e tem a mesmas condições objetivas do filho da burguesia e da pequena burguesia?

Evidente, sabemos que não! Via de regra, o aluno de escola pública mora em uma favela, em uma ocupação ou em algo próximo a estas condições. Casas mal-acabadas, famílias desestruturadas, próximos ao tráfico e ao banditismo, premissa do paradigma de realização é o dinheiro e a fama (jogadores de futebol, artistas e traficantes) e não do Saber. Fora isso, percebe que o Professor dessa rede, tem uma formação deficiente em um curso universitário de má qualidade e um péssimo salário e é, constantemente, desrespeitado por alunos. A relação de micro poder entre o Professor e o aluno acaba por fazer o caráter desse jovem que passa a ter certeza que deter conhecimento (ele enxerga o Professor) não significa absolutamente nada numa sociedade de alto consumo onde a detenção dos meios de produção e, conseqüentemente, da riqueza, se dá muito mais por conta da “esperteza” de que do “conhecimento”! Que uma semana de vendas para o narcotráfico significa mais que um mês de salário de um

docente! Como convencer alguém a estudar num sistema onde o capital vale mais que a ética, onde a propriedade é muito mais defendida de que a vida? Onde o “ter” vale mais que o “ser”?

Compreender que trabalhar esse conflito do “ter” versus o “ser” é fundamental para compreendermos e problematizar o conflito do Professor e do educando! Pois, como sabemos, a escola nada mais é que um aparelho de reprodução da exploração capitalista e que se não se mudar a sociedade e todos os seus problemas não resolveremos esses conflitos e muito menos, as condições objetivas de ensino. Também, afirma-se, que se não conseguirmos educar a toda a população, não mudaremos a sociedade. Depende. Qual é o paradigma dessa educação e quais os parâmetros dessa sociedade? O que, nas entrelinhas, se permite a sociedade e o que é essa educação.

Percebe-se que se pensa numa educação exclusiva, onde a rede pública serve a todos os tipos de propostas e funciona como um tubo de ensaio para as mirabolantes teorias ano-a-ano. Por outro lado, essa sociedade onde se admite a diferença de oportunidades e a exploração do homem sobre o homem e que essa expropriação considera normal que um filho de rico que pagou escola durante toda a vida possa ingressar na Universidade Pública e o jovem pobre, que sempre estudou na escola pública que, se quiser ingressar numa universidade e formar-se com nível superior o fará numa universidade paga, de péssima qualidade e que só servirá para que ele se candidate como um trabalhador, absolutamente, proletarizado (como são os Professores) e que será funcionário subalterno de um formado na Pública! Essa dicotomia é real, universal e, se não houver mudança de sistema econômico e político, nunca admitirá o pobre alçar aos mesmos índices que o outro alcança. É, no mínimo, antidemocrático!

Poderíamos minimamente, diminuir esses conflitos na medida em que passássemos a respeitar o educando. Mas, respeitar de verdade. Embora sem receber, preparar as aulas de forma consciente e sistemática. Prestar atenção nas dificuldades do educando e atendê-lo de forma individualizada, apesar das cobranças do sistema. Preocupar-se mais com a

formação de forma desinforme desses alunos, ao invés de preocupar-se com o Bônus oriundo do SARESP. Aliás, discursa-se um ensino de inclusão e de criticidade, mas, cria-se, mecanismos meritocrático. Essa incoerência é, também, responsável pela falência da rede pública, não obstante, a clara evidência de se pretender privatizar todo o sistema de educação e livrar-se dos problemas, não obstante, aliviar o bolso dos “investidores” nas campanhas eleitorais desses governantes! Recebemos inúmeras publicações de gosto e qualidade duvidável nas salas de professores e dentro da escola. Qual o crivo dessas publicações e quais os interesses delas dentro de nossa rede? Acusa-se os Professores de inserir um debate à esquerda em salas de aula e na elaboração de aulas, mas, quando o governo nos impõe a leitura de lixos midiáticos como a Revista Veja e outras fontes não menos ruins, qual a proposta que ele tem? Ou não é uma forma de “doutrinar” o ensino no aparelho de educação do estado?

A diminuição, e conseqüente melhoria de ambiente e de uma relação mais respeitosa entre educandos e educadores, também, pode-se se dar na elaboração dos famosos combinados no início do ano letivo. Se não resolve, acaba corrigindo algumas aberrações nessa relação e torna esse conflito menos atribulado! Esses “combinados”, também, chamados “contratos pedagógicos” deixam evidentes essas relações, as formas de avaliação, o programa curricular, ou seja, desde que o Educador prepare seu material que irá atuar durante o ano, terá facilitada sua tarefa ao debater e problematizar com seus educandos tudo que irá ministrar. Não deixar nenhuma dúvida nessa relação, desde a questão disciplinar até o formato curricular utilizado, seu método, sua utilização, etc.

O que fazer? Colocar em Prática Projetos Pedagógicas Alternativas!

Como pudemos relatar e pesquisar, há inúmeros problemas e muito pouco que caminhe para uma solução definitiva. Ou alguém tem ilusão que mudaremos o regime de relação dos meios de produção nas mãos da

propriedade privada? Ou modificamos isso ou pouco conseguiremos avançar.

Porém, evidente, não se pode cruzar os braços e ficar postado diante tantas questões a serem resolvidas e tantas problematizações, mas, o que fazer depende de inúmeros fatores e de várias perspectivas que não conseguimos ver por hora!

Há se pensar a escola pública, não como tubo de ensaio de propostas prontas milagrosas, nem, ao menos, como passível de experiências fantásticas e mirabolantes e que sempre acabam no esquecimento. Enquanto isso, a escola privada investe nos educadores, na estrutura física e nas condições materiais como salas ambiente, laboratórios, lousas interativas, wi-fi liberado, cursorgs de especialização aos educadores e funcionários. Já a rede pública oferece, apenas, EaD aos professores, nenhum tipo de especialização *stricto sensu*, falta de tempo para estudo, ao invés de, como faz a rede privada, ao menos, as escolas de ponta, a liberarem seus profissionais para se especializarem. Os resultados são evidentes e conclusivos!

Tratar os alunos como “clientes” não é a saída, assim como, a meritocracia é um câncer na educação que só serve para confundir a categoria. Aluno é aluno e merece respeito, pois, sem ele, não há escola, não há Professor, não há rede pública e focar no aluno é, antes de mais nada, propiciar uma luz no fim do túnel para que ele possa, minimamente, perceber que o conhecimento possa mudar sua condição de vida! A educação bancária, como quer uma vertente ideológica da sociedade com o projeto “Escola Sem Partido”, pior ainda, não atende às necessidades dos educandos da rede pública.

O ideal seria prover as unidades escolares de um mínimo de condições materiais para que possa dar dignidade e a possibilidade de um ensino, minimamente, razoável aos educandos da rede. Mas, sabemos, isso não será conquistado sem muito esforço e luta! Nossa remuneração e direitos, igualmente, deverá ser uma longa luta para almejarmos algo como na Europa e países avançados. Portanto, nos resta, por enquanto, a criatividade.

Levar a vida cotidiana do educando a prática pedagógica!

No início de nosso processo de aprendizagem prática, percebemos a necessidade de levarmos o conhecimento histórico a partir das questões práticas e cotidianas do educando como a única forma capaz de levar-lhes o interesse e a compreender o processo histórico humano!

Com essa perspectiva, começamos a construir uma metodologia onde o educando não fosse mero expectador ou cumpridor de um programa pré-elaborado pelo Professor, mas, sim, participe direto do projeto pedagógico anual que apresentamos ao conjunto do corpo docente, porém, já elaborado e traçado, coletivamente, conseguindo, assim, a cumplicidade do conjunto de educandos nesse projeto.

Nossa primeira experiência prática, embora tenha surtido algum efeito prático, foi de aprendizagem, tanto para nós, como para os educandos e demoramos a compreender que precisávamos manter um método de diálogo permanente e constante, objetivando uma construção consistente e efetiva de todo o plano traçado.

Trabalhamos com duas turmas diferentes e heterogênea entre si. Sextos anos, imaturos e recém-chegados ao método de salas, oriundos de classes⁴ no ano anterior e, por outro lado, primeiros anos do Ensino Médio.

Nossa primeira tarefa é o desafio de propor soluções diferentes face a diferença etária e processos diferentes de maturidade entre as diferentes salas. É evidente, tivemos grandes dificuldades em compreender todas essas diferenças e demoramos para construir uma forma concreta de ação que propiciasse construir um conhecimento de acordo com a necessidade desses educandos.

⁴ Salas é a denominação utilizada para as séries finais do Ensino Fundamental (Fund II), dos Sextos aos nonos anos. Já Classes, denomina-se aos anos iniciais, ou seja, do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental (Fund I).

Propor o debate, a pesquisa e a pluralidade

Pensar o que fazer e como conseguir construir, na prática, algo que consiga envolver o interesse desses educandos é um desafio quase intransponível, porém, é nisso que se baseia a militância educacional na rede pública. O impossível!

A partir daí, elaboramos um projeto baseado, anos antes, com a alfabetização completa dos inúmeros alunos analfabetos funcionais que tínhamos para podermos desenvolver esse projeto!

Começamos com sextos e sétimos anos de Ensino Fundamental, trabalhando redações como atividade avaliativa e utilizando-se do método de Paulo Freire para alfabetização de adultos, trabalhamos a completar a alfabetização dos demais. Para tanto, utilizávamos de textos de diversas vertentes diferentes para causar, de forma proposital, a crítica e o pensamento reflexivo sobre as divergentes posições na sociedade.

Toda a tratativa feita com os educandos nos apontavam para a elaboração de um TCC⁵ no período de três anos! Feito de forma consensual e onde abordaríamos um tema de interesse de cada grupo, preparamos o terreno para trabalharmos, ainda, no Ensino Fundamental, a construção de um trabalho científico, respeitando todas as normas da ABNT sobre o tema.

Trabalhar com um objeto de estudo que interesse ao educando seria primordial e imperativo. Se na universidade se constrói um TCC sobre um tema que o educando desse curso escolheu e lhe interessa nos faz observar que teremos de seguir a mesma lógica, não obstante, defendermos que o educando deve estudar, por princípio, um objeto que lhes cause interesse!

Após dois longos anos, iniciamos a conclusão de nosso projeto com parte dessa turma que já estavam nos nonos anos e a continuidade dos demais, propondo a construção de um Artigo Científico, elaborado em grupos, com prazo de um ano para esses nonos anos e dois para os educandos que estão nos oitavos anos! Verdade é, os nonos não conseguiram ir além

⁵ Trabalho de Conclusão de Curso.

da pesquisa sobre o objeto de estudos proposto, assim como, os oitavos, ainda estão na apresentação do Artigo!

Não há dúvidas que para esses jovens, ainda sem maturidade suficiente para compreenderem o real significado de uma pesquisa científica, torna-se difícil a concentração necessária para que consigam concluir um Artigo Científico em tempo hábil e qual o significado de um projeto desse tamanho. Nesse sentido, trabalhamos a consciência de que um TCC concluído, ainda no ensino fundamental, por mais que seja deficitário e desprovido da necessária rigidez científica, poderia, não obstante, ser utilizado para a sua futura Plataforma Lattes, como, inclusive, publicado, levando-se em conta o tempo, a idade e o método utilizado para tal. É colocar jovens educandos no mundo científico e propor um elevado grau de complexidade a seu trabalho.

Trabalhando nesse contexto, os alunos, agora, em Ensino Médio, continuam o trabalho, mesmo não sendo mais alunos regulares e pretendem terminar o texto, ainda, este ano! Quanto aos oitavos anos, agora, promovidos, ou não, aos nonos anos, devem, estes sim, concluir seu trabalho.

Trabalhamos sobre novos paradigmas e novos desafios, como a inclusão de um “Roteiro de Estudos” que, pensamos, poderá ser utilizado para orientar esses educandos para cumprirem seus objetivos mensais com o sentido de terminarem seus Artigos em tempo hábil e apresentar um seminário ao final do ano letivo.

O que estudar e como construir um artigo científico com adolescentes

Um outro desafio é convencer o educando a se debruçar sobre um estudo e, particularmente, com o caráter científico. Como vencer essa barreira?

Procuramos, antes de mais nada, dar-lhes a liberdade sobre o tema. Nesse caso o educador é que teve que sair atrás dos educandos e estudar o

assunto que cada grupo de alunos decide estudar como seu “objeto de estudo”.

Conseguimos tratar de mais de vinte assuntos diferentes nas cinco salas que trabalhamos. Desde o “Funk” até a Mitologia Nórdica, tudo que se possa imaginar foi alvo desse estudo. Alguns temas que consideramos que devam ser citados: Mitologia Africana, Vândalos e vandalismo, Polícias Militares, Esparta, Religiões, Coreias, Músicas que fazem apologia ao estupro, Feminismo, Misoginia, Futebol, Nomofobia⁶, Grandes Guerras Mundiais, Movimento Hip Hop, História da Música, História da Maquiagem, Escola, Educação, Modos de Produção, Capitalismo, Socialismo, Anarquismo, além de diversos outros temas. Esses temas são debatidos à partir da pesquisa realizada pelos educandos e socializadas para os demais que, assim, conseguem abstrair conhecimento de outros saberes, explicitados pelos próprios colegas de sala.

Conseguimos, com isso, expandir esses saberes e aprender com essas pesquisas. Enfim, todos aprendem!

Agora, com a inclusão do Roteiro de Estudos, esperamos, possamos expandir essa experiência aos professores. Há muita relutância em construir conhecimento através da vontade e necessidade dos educandos, onde o professor passa a ser um tutor ou mediador e deixa de ser o provedor do conhecimento. A experiência nos fez perceber que os educandos avançaram muito mais com esse método e começaram a interessarem-se muito mais pelos estudos e nem precisamos estar na sala de aula (fizemos a experiência e deixamos que eles ficassem uma aula inteira sem a presença do educador. Os trabalhos ocorreram normalmente! Isso demonstra que se conseguimos dialogar de modo a incentivar os educandos a estudarem e forem convencidos da pertinência desses estudos, isso é possível!

Concomitante a isso, realizamos, ainda, trabalhos paralelos como filmes, vídeos e documentários relativos a como se apresenta a educação. Criamos a reflexão da melhor forma de se aprender, por que e para que fazê-

⁶ Nomofobia é a fobia causada pelo desconforto ou angústia resultante da incapacidade de acesso à comunicação através de aparelhos celulares ou computadores.

lo! Vídeos que debatam as formas de ensino, benefícios e malefícios das diversas modalidades de ensino. Seus autores e seus objetivos. A manipulação e a doutrinação possível no ensino. Que tipo de ensino promove essa doutrinação e como evita-la, assumindo um caráter de educação amplo que possibilite a reflexão, a crítica e a escolha dos melhores caminhos que cada educando pretende trilhar e que considere o mais pertinente para ele.

Num momento em que se discute o projeto da “Escola Sem Partido”, que na verdade, a nosso ver, este projeto sim, é doutrinador e quer estabelecer limitadores ao conhecimento e a possibilidade de saberes aos educandos. Onde tenta-se privar a juventude trabalhadora de acessar as universidades públicas, o pleno conhecimento acadêmico, a possibilidade de ganhar excelência no seu curso e na área de conhecimento que pretenda estudar, achamos, por bem, explicitar nosso trabalho, nosso método e a certeza de que caminhamos no sentido de ampliar o conhecimento e propiciar, através da crítica, da análise e da reflexão, qual o melhor caminho para a humanidade que essa juventude considera a mais pertinente e, evidente, com liberdade de escolha.

Consideramos um trabalho prático. De uma experiência vivida e colocada em prática com a anuência dos educandos e construída coletivamente, apesar de todos os dissabores de enfrentamento de parte do corpo docente e de gestão da unidade escolar que não compreende um mundo onde sejamos todos iguais! Uma instituição que prefere coibir a forma de uma menina se vestir ao invés de cobrar dos meninos e dos demais entes dessa unidade, de que devemos respeitar as mulheres (ainda que adolescentes) independente da forma como gostem de se vestir, mas, por serem humanas, que merecem todo nosso respeito e onde não podemos, em pleno Séc. XXI aceitar a misoginia, o machismo, o preconceito, o racismo!

Onde beleza é um padrão pré-estabelecido e que o “belo” é algo subjetivo e muito pessoal e que o caráter deve estar acima de padrões eurocêtricos de beleza. Que a etnia não nos faz melhores ou piores, mas, diferentes, mas, acima de tudo, que os meios de produção devem ser socializados afim de que haja um pouco de justiça social e que o maldito modo de

produção capitalista está nos levando, rapidamente, a barbárie, tal qual, previa Rosa de Luxemburgo! ⁷

Encerramos nosso projeto com a apresentação dos artigos científicos produzidos e elaborados pelos estudantes.

Deixamos a dica que menos da metade dos estudantes conseguem terminar e apresentar um trabalho de conclusão. Os demais, ou não conseguem terminar por conta de faltas, de cansaço, de preguiça que, não esqueçamos, já fomos jovens e sabemos de todos os problemas físicos que afetam um adolescente em sua explosão de hormônios e de seu crescimento conflituoso. Só assim poderemos trabalhar com um jovem imaturo para um TCC, e compreendermos e dar-lhes alternativas de encerrar o ano sem que com isso, se puna por conta de uma questão que se trata, biológica.

Em relação aos estudantes que conseguiram terminar, entregar e apresentar o Artigo, consideramos de extrema relevância, seja pelo aspecto acadêmico onde, realmente, foi construído um Saber à partir de uma pesquisa de um objeto de estudo, seja pelo texto apresentado de ótima qualidade gramatical, repertório de palavras, ou pensamento crítico do assunto.

Todos os trabalhos entregues seguiram as normativas exigidas pela ABNT⁸, configurando-se assim, apesar da pouca idade dos formandos, em Artigos Científicos referendados pela comunidade acadêmica e, inclusive, caso esses estudantes avancem no mundo acadêmico, possam publicá-los em sua Plataforma Lattes⁹, inclusive, acentuando-se a qualidade do trabalho apresentado face a pouca idade e experiência acadêmica desses estudantes.

Tivemos trabalhos de todos os assuntos em pauta em nossa sociedade e, em particular, na puta de uma comunidade de uma favela abandonada

⁷ Rosa Luxemburgo foi uma filósofa e economista marxista polaco-alemã. Tornou-se mundialmente conhecida pela militância revolucionária ligada à Socialdemocracia da Polônia, ao Partido Social-Democrata da Alemanha e ao Partido Social-Democrata Independente da Alemanha.

⁸ Associação Brasileira de Normas Técnicas que suscita e orienta as normas sobre Artigos Científicos, Monografias e todas Teses Acadêmicas.

⁹ A Plataforma Lattes é um sistema de currículos virtual criado e mantido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo qual integra as bases de dados curriculares, grupos de pesquisa e instituições em um único sistema de informações, das áreas de Ciência e Tecnologia, atuando no Brasil.

pelo poder público, onde a única intervenção, além de nossa escola, é a polícia militar que age de forma a reprimir as ações e não de prevenir qualquer tipo de ilícito. Misoginia, Funk, Música Gospel, Coreias, Tráfico Humano, Racismo foram temas abordados e, durante a apresentação, imensamente debatidos pelos estudantes de forma acalorada, mas, respeitosa, o que garante a maturidade com que esses temas foram estudados e minuciados pelo conjunto dos estudantes.

As rodadas de debates realizadas durante o período de estudos auxiliaram no sentido de que todos estudantes se apropriassem desses temas a ponto de poderem debater com os palestrantes e defensores de suas propostas.

É possível garantir que essa metodologia pedagógica é possível, viável e garante Saber aos estudantes, além de propiciar o evento da pesquisa.

Construir um mundo melhor, mais justo e solidário, passa por construir uma educação livre, libertadora. Uma educação onde o sujeito seja o educando e que ele se construa como um pleno cidadão, cômico de seus direitos, mas, também, de seus deveres coletivos. Que possa ter acesso aos mesmos padrões de conhecimento e que, para isso, a meritocracia seja banida não só da educação, mas, inclusive, de nossas vidas, pois, as possibilidades e as oportunidades, com certeza, não são iguais para todos!

Que construamos um governo dos trabalhadores e voltado para os trabalhadores. Que reformemos não a previdência, dificultando, ainda mais, a vida do trabalhador mais idoso e que pretenda se aposentar, mas, sim, que a justiça seja justa, que não se prenda quem deveria estar solto e, muito menos que fique solto quem deveria estar aprisionado!

Encerro essa pequena obra com a certeza que o grande representante do povo trabalhador, reconhecido internacionalmente, não, apenas, deverá ser o ganhador do Prêmio Nobel da Paz, mas, inclusive, que se faça justiça, seja inocentado e solto, pois, afinal, ele propiciou que milhões saíssem da pobreza, que milhares tivessem acesso a universidade, inclusive nós, que milhões tivessem acesso a casa própria. E por isso, e só por isso os mantém preso!

Referências

- Almeida, Adriana Mortara e Vasconcellos, Camilo de Mello, **“Porque visitar museus”**: São Paulo, Editora Contexto, 1999.
- Mariátegui, José Carlos, 1895-1930, **Defesa do Marxismo, polêmica revolucionária e outros escritos**: Boitempo, 2011.
- Marx, Karl, **Contribuição à crítica da economia política**: tradução Maria Helena Barreiro Alves, revisão da tradução de Carlos Roberto F. Nogueira – 5ª. Edição – São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2016.
- Novack, George, **O desenvolvimento desigual e combinado na história**: São Paulo, Editora Instituto José Luiz e Rosa Sundermann, 2008.
- Trotsky, Leon, 1879 – 1940, **A História da Revolução Russa**, tradução de E.Huggins do original em inglês: The history of the Russian Revolution, 2ª. Edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- Cortella, Mario Sergio, **Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes** – São Paulo, Editora Cortez, 2014.
- Helene Otaviano, **Um diagnóstico da educação brasileira e de seu financiamento**: Campinas, Autores Associados, 2013.
- Mariátegui, José Carlos, **Mariátegui, sobre educação**: seleção de textos e tradução de Luiz Bernardo Pericás, São Paulo, Editora Xamã, 2007.
- Marx, Karl, 1818 – 1883, **Textos Sobre Educação e Ensino, Karl Marx e Engel**:, tradução de Rubens Eduardo Frias, Editora Centauro, 2004.
- Burke, Peter, 1937, **A Escola dos Annales (1929-1989)**: A revolução francesa da historiografia/Peter Burke; tradução de Nilo Odalia, 2ª. Edição – São Paulo, Editora da Unesp, 2010.

Bittencourt, C. M. F.. Livros didáticos entre textos e imagens. In: Bittencourt, Circe M. F.. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997, v. , p. -. Conforme citação na página da Rede Nacional da Ciência Para a Educação.

Fonseca, Selva Guimarães, **Didática e prática de ensino de História**. SP: Papirus, 2003.

Nikitiuk, Sônia L., **Repensando o ensino de História**. SP: Cortez, 1996.

Parâmetros Curriculares para o ensino Médio.

Laville, Christian. Dionnne, Christian, **A Construção do Saber: Manual de Metodologia em Ciências Humanas**; tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Capítulo 4. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

Bittencourt, Circe Maria Fernandes: **Ensino de História: fundamentos e métodos**, Capítulos 2 e 3. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

Nagamini, E, **O discurso da publicidade no contexto escolar: a construção de pequenos enredos**. In: Ligia Chiappini Moraes Leite: Adilson Citelli (Org.). Aprender e ensinar com textos/Outras linguagens na escola. 1ª Ed. São Paulo. Editora Cortez, 2000, v. 6, pág. 39-80.

Sant'Anna. D.B., **Propaganda e História: Antigos Receios, Novas Questões**. Projeto História, São Paulo, vc. 14, n 14, pág., 89-112, 1997.

Gracioso, Francisco. Penteado, J.Roberto Whitaker. **Propaganda Brasileira**. 3ª Ed. São Paulo: Mauro Ivan, 2010.

Flandrin, Jean-Louis: e Montanari, Máximo. **História da Alimentação**, tradução de Luciano Vieira Machado e Guilherme J.F.Teixeira, São Paulo, Estação Liberdade, 1998.

Cascudo, L. da C. (Org.). **Antologia da alimentação no Brasil**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo, Cortez, 2004 (Coleção Docência em formação.Série ensino fundamental.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História. Experiências, reflexões e aprendizados**: São Paulo, Papirus, 2003.

ANTUNES, Celso. **A sala de aula de Geografia e História. Inteligências múltiplas, aprendizagem significativa e competências no dia-a-dia**: São Paulo, Papyrus, 2001.

LIMA, Maria Socorro Lucena e PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e Docência**: São Paulo, Cortez, 2004.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**: São Paulo, Papyrus, 2003.

Hernández, Fernando, **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. RS: Artmed, 2007.

Monteiro, Ana Maria; Gasparello, Arlete M.; Magalhães, Marcelo; **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. RJ: Mauad: FAPERJ, 2007.

Schmidt, Maria Auxiliadora; Cainelli, Marlene, **Ensinar História**. SP: Scipione, 2004.

LOPES, M. M. e MURRIELLO, S. E.: Ciências e educação em museus no final do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12 (suplemento), p. 13-30, 2005.

Oficina: Causas e Métodos dos Descobrimentos Geográficos.

Periódicos:

1. Revista Brasileira de Educação – ANPED/Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação.
2. Revista Nova Escola (Editora Abril).
3. Revista da Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo.
4. Revista Nova Escola (Editora Abril).
5. Revista Ciranda da Inclusão.

Sites de interesse:

www.scielo.com.br

www.mec.gov.br

www.unesco.org.br

www.paulofreire.org

www.acaoeducativa.org.br;

www.inep.gov.br

<https://www.youtube.com/watch?v=OTerSwwxR9Y>

(Documentário sobre a Educação Proibida).

Sobre o autor

Heitor Cláudio Leite e Silva

Nascido no dia do Rock à 13.07.1957.

- Historiador e Pedagogo, Professor de História da Rede Pública Estadual.
- Militante Trotskysta, iniciou a militância em meados da década de 70. Perseguido e preso, foi bancário, metalúrgico, bancário, novamente.
- Atuou na Oposição Metalúrgica em 1975, Esteve na chapa de Oposição do Sindicato dos Bancários, fui diretor de base até ser preso e demitido da Caixa Econômica do Estado de São Paulo S.A..

Esteve, também, na luta estudantil (mesmo estando alijado da escola) pela democratização do país

- Em 1980, ajudou a fundar o Sindicato dos Trabalhadores no IBGE, sendo demitido em 1981.
- Em 1984 ingressou na FEBEM-SP, onde ajudou a fundar o Sintraemfa. Demitido na greve de 1989.

Nesse período foi preso e torturado.

- Em 1992, ingressou na CET, onde se elegeu para CIPA. Demitido por perseguição política em 1994.
- A partir daí trabalhou em diversas áreas até que em 2010, conseguiu entrar numa faculdade pelo ProUni, com 53 anos.
- Em 02.08.2010, iniciou a vida docente como eventual na rede pública estadual. Dia 03 já estava sindicalizado e no dia 04 se elegeu Representante de Escola. Em 2011, se elegeu Conselheiro Estadual da APEOESP, sendo reeleito, ainda duas vezes! Ainda cumpre mandato.

Já em 2011 iniciou um método baseado em experiências diversas como Waldorf, Escola da Ponte, Educação Proibida, Paulo Freire e, particularmente, Karl Marx e Engels. Essa experiência culmina nessa obra!

Prestou concurso em 2013, onde se efetivou em 2014.

- Dirige no Brasil o agrupamento político “Combate Pelo Socialismo” seção brasileira do “Combattre Por Le Socialisme”.

- Faz parte da Coordenação Provisória do Setorial Nacional de Transportes e Mobilidade Urbana do PT.

- Apesar de fundador do PT e da CUT, acaba só se filiando ao partido em 1991.

Hoje, atua pela melhoria da qualidade de ensino da rede pública e por uma sociedade justa, solidária e igualitária!

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org